

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL

Victória Câmara Gusmão Cardoso

O SOM DO TROVÃO

Outubro
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL

O SOM DO TROVÃO

Trabalho de conclusão de curso
apresentado pela aluna *Victoria
Câmara Gusmão Cardoso* à
disciplina TCC, sob orientação do
Prof. Fernando Weller.

Outubro
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Cardoso, Victória Câmara Gusmão.

O som do trovão / Victória Câmara Gusmão Cardoso. - Recife, 2022.

1 audio (18 min); 1 relatorio (135 p.) : il.

Orientador(a): Fernando Weller

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Cinema e Audiovisual - Bacharelado, 2022.

Inclui referências, apêndices.

1. Podcast. 2. Audiossérie. 3. Podcast narrativo. 4. Roteiro de podcast. 5. Piloto. I. Weller, Fernando. (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não existiria sem a colaboração direta e indireta de muitas pessoas.

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha mãe, Jandira Câmara Gusmão Cardoso, por estar sempre disponível com um abraço, palavras de incentivo, e, quando as coisas estão mais difíceis, com um chocolate. Ao meu pai, Epifânio Cardoso de Oliveira, por sempre torcer por mim, até mesmo quando não tem certeza do que está acontecendo. Ao meu irmão, Víctor Câmara Gusmão Cardoso, pelo apoio moral (mesmo que ocasionalmente duvidoso) e pelas longas conversas de madrugada sobre assuntos absurdos.

A todos da minha família que me amam, apoiam e respeitam por quem sou (e que já me chamavam de “cineasta favorita” muito antes de eu sonhar em me formar).

Obrigada à minha família de coração, minhas amigas incríveis, que sempre estiveram ao meu lado, nos melhores e piores dos tempos: Clara Marinho, Iasmim Grosso, Lara Medeiros, Maria Aline Araújo, Maria Eduarda Cardoso e Mayra Seidensticker. Com vocês sou mais forte e mais feliz.

Agradeço aos amigos maravilhosos que ajudaram a fazer o piloto sair do papel e tomar vida: Andréa Neto, o anjo que surgiu na pós-produção; Cecília Assy, pelas risadas e apoio indispensável desde o princípio; Marcia Rezende, pelas ideias ótimas e ter feito tudo soar como deveria; e a Tiago Calmon, por ter dado voz e alma para Manoel.

Muito obrigada ao meu professor e orientador, Fernando Weller, pela ajuda imprescindível em todas as etapas desta jornada, e por acreditar no meu trabalho mesmo quando eu mesma não o fazia. Não poderia pedir por um mestre melhor.

Também agradeço profundamente aos professores Ângela Prysthon, Fernanda Capibaribe, Maria Alice Gouveia, Nina Velasco e Rodrigo Carreiro, não só pelos muitos ensinamentos ao longo do curso, mas também pelo grande apoio dentro e fora da sala de aula.

Ao meu mestre e amigo Matheus de Arruda: muito obrigada pela companhia, as longas conversas e as histórias que delas surgem. Não posso botar em palavras o quanto aprecio nossa amizade e nossos trabalhos juntos.

Agradeço também a Salomão, por me ajudar a enxergar o tamanho das corridas.

Aos meus amigos Lucas Alvarez “Buse” e Felipe Moreira; a Carolina Vasques e Luisa Eller; a Gabriel Ximenes, Geovana Pimentel, Isadora Medeiros, Nathália Monteiro e Tiago Costa: obrigada pelo carinho e apoio em tantos momentos diferentes. Mesmo não estando sempre juntos fisicamente, vocês estão sempre em meu coração.

Meu último agradecimento é também uma dedicatória: a meu avô, Ayrton de Araújo Gusmão, por ter acreditado primeiro.

“E ouvi uma voz dos céus, como o rugir das águas de uma enchente e o som de um poderoso trovão ou mesmo como a música de harpas.”

(Apocalipse 14:2)

RESUMO

O presente trabalho consiste nos roteiros e no piloto de “O Som do Trovão”, uma audiossérie de ficção do gênero terror. Ambientada em 1973, durante o auge da ditadura militar no Brasil, a série acompanha a história de Manoel Ferreira, um padre enviado para uma pequena cidade no sertão de Pernambuco após o desaparecimento de seu antecessor. A princípio, tudo parece em harmonia, mas não demora para que Manoel comece a notar diversas situações estranhas ao redor da cidade. Ao tentar desvendar a origem dessas ocorrências, Manoel acaba se envolvendo em uma extensa teia de conspirações e corrupção envolvendo toda a cidade de Esmirna, além da vontade e influências de forças além de sua própria imaginação.

Os podcasts vêm se tornando um formato de mídia cada vez mais popular ao redor do mundo, principalmente no Brasil, mas a área da ficção ainda é sub-representada no meio. *O Som do Trovão* é uma nova obra neste formato. Será apresentado neste projeto o piloto gravado e os roteiros dos seis episódios da temporada da série, além de um relatório sobre o processo de pesquisa, criação e realização da obra.

PALAVRAS-CHAVE: audiossérie, podcast narrativo, roteiro de podcast, piloto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
A SÉRIE	
Argumento.....	12
Cenário.....	19
Personagens.....	20
ROTEIROS	
Episódio 1: Vem e Vê.....	23
Episódio 2: Tens Reputação Viva, Mas Estás Morto.....	39
Episódio 3: O Que Ele Abre, Ninguém Pode Fechar.....	53
Episódio 4: Quem Pode Guerrear Contra Ele?.....	69
Episódio 5: Mulher Trajada de Sol.....	84
Episódio 6: Onde Satanás Tem Seu Trono.....	101
RELATÓRIO DE PRODUÇÃO	123
REFERÊNCIAS	127
ANEXOS	
Anexo 1: Link para o piloto.....	129
Anexo 2: Fotos Still da Produção.....	130
Anexo 3: Identidade visual e artes de personagens.....	132

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso consiste nos roteiros e no piloto gravado de uma audiossérie do gênero terror, em formato de podcast, intitulada *O Som do Trovão*. A temporada possui seis episódios, com uma média de vinte minutos de duração cada. A ideia para esse projeto surgiu da vontade de realizar uma obra em formato de podcast narrativo, mídia pela qual muito me interessa, que fosse ambientada em uma cidade do interior de Pernambuco que esconde mistérios diversos. Ao unir este cenário com a temática da religião e o gênero do horror, e localizando temporalmente a história no início dos anos 1970, auge da Ditadura Militar no Brasil, surgiram os primeiros esboços deste trabalho.

O objetivo deste projeto é apresentar o piloto e os demais roteiros da primeira temporada de *O Som do Trovão*. Na série, acompanhamos as gravações pessoais de Manoel Ferreira, um jovem padre que é enviado para ser o novo pároco da cidade fictícia de Esmirna, no sertão pernambucano, meses após o desaparecimento sem explicação de seu antecessor, o padre João Pátimos. De início, tudo parece em harmonia, mas não demora para que Manoel comece a notar diversos elementos estranhos ao redor da cidade: os habitantes se comportam sempre de forma temerosa e evasiva; não há animais em lugar algum; e seu gravador passa a captar interferências desconhecidas que se assimilam a vozes. Ao tentar desvendar a origem dessas ocorrências, Manoel acaba se envolvendo em uma extensa teia de conspirações e corrupção envolvendo toda a cidade de Esmirna, além da vontade e influências de forças além de sua própria imaginação.

Os podcasts vêm se tornando um formato de mídia cada vez mais popular ao redor do mundo (KERPEN, 2020). Ainda assim, a categoria de ficção ainda é relativamente pouco explorada em relação aos conteúdos mais usuais de notícias, conversas e temas variados de entretenimento - um estilo próximo a programas de rádio, porém disponível em redes de *streaming*. No entanto, os podcasts de ficção diferem desses programas de modo que se encaixam como um tipo de drama radiofônico, sendo mais similares ao que seria uma versão modernizada das antigas radionovelas (PAGNO, 2020). Esse tipo específico de podcast é conhecido como audiossérie e, assim como o formato de não-ficção, recebeu um grande aumento de popularidade durante a pandemia de COVID-19 (LOPEZ, 2021; ISQUIERDO, 2021), por sua natureza imersiva e também a possibilidade de realizar outras tarefas durante seu consumo, de forma similar ao rádio. Atualmente, o Brasil se encontra em terceiro lugar na lista de países que mais consomem podcasts no mundo, atrás apenas da Suécia e Irlanda do

Norte (ROVAROTO, 2022) e vem, lentamente, produzindo mais obras no campo da ficção, a exemplo de *A Voz de Delirium* (2015), *1986* (2017), *Pytuna* (2020) e *Paciente 63* (2021).

O gênero do horror se destaca como um dos mais predominantes entre os podcasts de ficção: em diversos compilados de audiosséries feitos por sites especializados, obras do gênero do horror possuem uma representação mais do que expressiva.¹ Audiosséries como *Welcome to Night Vale* (2012), *We're Alive - A Story of Survival* (2009) e *The Magnus Archives* (2016) são alguns exemplos de ficção de horror extremamente populares, aclamados tanto pela crítica quanto pelo público. *The Magnus Archives*, estruturada como uma série de gravações de um arquivista registrando casos paranormais para pesquisas futuras, é uma das maiores fontes de inspiração para *O Som do Trovão*. Entre as quatro obras brasileiras mencionadas, duas (*1986* e *Paciente 63*) também fazem parte do gênero.

Meu interesse pessoal no gênero do horror precede a minha entrada no curso de Cinema, mas se desenvolveu melhor ao longo da graduação, ao cursar cadeiras como Oficina de Roteiro de Horror, ministrada pelo prof. Fernando Weller, e Crítica Cinematográfica, com a prof^a. Ângela Prysthon, onde aprofundei minhas pesquisas sobre o assunto. Ao longo desses anos, foi ficando claro que também gostaria de abordar o gênero em meu trabalho de conclusão, seja de forma prática ou teórica.

A religião, especialmente a católica, sempre foi um tema amplamente abordado em narrativas de horror: clássicos estabelecidos como *O Exorcista* (William Friedkin, 1973) e *A Profecia* (Richard Donner, 1976) causaram revolta e controvérsia na época de seus lançamentos por seu conteúdo “blasfemo e lascivo” em relação à igreja católica (CHAMBERS, 2021; SCHOBER, 2022), com *O Exorcista* em particular exercendo um impacto cultural extenso, “muito além do seu poder de chocar o público” (POOLE, 2009, p. 156). Com a renascença do horror dos anos 2010 (REAR, 2018; BRADLEY, 2019), se torna possível observar novas e inventivas entradas no subgênero do horror religioso, como o longa *A Bruxa* (Robert Eggers, 2015) e a minissérie *Missa da Meia-Noite* (Mike Flanagan, 2021), ambos aclamados pela crítica e público.

Minha experiência pessoal como alguém que cresceu na igreja católica tornou esta temática ainda mais interessante de ser retratada e subvertida, considerando que pude utilizar tanto o conhecimento que adquiri ao longo dos anos, mas também questionamentos e

¹ Alguns dos sites especializados que agregam listas de audiosséries/podcasts narrativos estão listados nas referências: PODCHASER, 2020; FONTANA, 2022; DISCOVERPODS, 2022.

perturbações provenientes desta vivência. Levando em conta o cenário e a época escolhida para a narrativa, o aspecto da religião se torna ainda mais relevante, frente a forte influência que a igreja possui no povo brasileiro, assim como seus papéis contraditórios ao longo da ditadura militar.

Em uma entrevista de 2014, o irmão marista Antônio Cechin comenta a relevância do papel da Igreja Católica no golpe de 1964:

“O poder político cívico-militar não poupou esforços para a cooptação da Igreja Católica pelo simples fato de que é a Igreja da grande maioria do povo brasileiro e de grande influência no mundo inteiro”.
(CECHIN, 2014)

A Marcha da Família com Deus pela Liberdade, manifestação católica que aconteceu em 19 de março em São Paulo para ser então reproduzida em diversas cidades ao redor do país, nasceu do movimento anticomunista ferrenho que tomava conta de boa parte da igreja católica da época (CECHIN, 2013; MEMÓRIAS DA DITADURA, 2014). Protagonizadas majoritariamente pelos setores conservadores da sociedade, esses atos de massa são hoje considerados um dos fatores principais para o desencadeamento e apoio inicial ao golpe de Estado (GUISOLPHI, 2011; CHIAVENATTO, 1994).

Em contraponto, os anos 1960 também trouxeram a introdução das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) ao redor do Brasil e na América Latina. Em seu livro “*O que é Comunidade Eclesial de Base*”, o frade dominicano e militante Carlos Alberto Libânio Christo, mais conhecido como Frei Betto, definiu:

“São pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativas de leigos, padres ou bispos [...]. De natureza religiosa e caráter pastoral, as CEB's podem ter dez vinte, cinquenta membros. Nas paróquias de periferia, as comunidades podem estar distribuídas em pequenos grupos ou formar um único grupão a que se dá o nome de comunidade eclesial de base”. (BETTO, 1981, p.16)

As CEBs eram embasadas ideologicamente na Teologia da Libertação, vertente da Igreja Católica que prioriza comunidades vulneráveis e busca a superação da pobreza estrutural, defendendo direitos básicos e mudanças econômicas e políticas para alcançar este ideal (FABER; GOULART; SANTOS, c2014). Alguns dos maiores expoentes da Teologia da

Libertação no Brasil foram Leonardo Boff e Rubem Alves - este último tendo se exilado nos EUA em 1968 por conta de sua “conduta subversiva”. Autoridades eclesíásticas como Dom Helder Câmara e Dom Paulo Evaristo Arns, também defensores da Teologia da Libertação, se destacaram durante o regime militar por sua luta a favor dos direitos humanos e repúdio público às violações e crimes cometidos pelo governo (MEMÓRIAS DA DITADURA, 2014).

Foi com todos esses temas em mente que *O Som do Trovão* foi desenvolvido. Manoel Ferreira, personagem principal, saiu há pouco tempo de uma crise de fé, e foi na Teologia da Libertação que encontrou uma forma de unir seus ideais políticos com a religião. No entanto, ele encontra na cidade de Esmirna um desafio que transpõe tudo que imaginou, atravessando as barreiras entre os mundos de Manoel.

ARGUMENTO

Cidade de Esmirna, 3 de novembro de 1973.

Ouvimos a voz do Padre Manoel Ferreira gravando sobre seu primeiro dia na cidade. Com seu gravador servindo como um diário, ele narra sua chegada em Esmirna, uma pequena cidade no sertão de Pernambuco. Manoel foi enviado de Recife para substituir João Pátimos, o padre anterior da região, desaparecido há alguns meses.

Sua primeira impressão do lugar é bastante positiva, e ele descreve como conheceu figuras como o prefeito, Abelardo Pérغامo; o delegado, José Moura, e Tibúrcio Santana, dono da mercearia local. O padre está na Igreja Matriz, que ele descreve como não muito grande, mas especialmente bem cuidada, assim como o resto da cidade. Manoel nota que Esmirna parece um bom lugar para se estabelecer e comenta como Francisco, seu irmão, provavelmente gostaria do local. Durante a gravação, é possível escutar interferências, como sussurros e vozes ininteligíveis, que Manoel a princípio não nota.

Ao longo das semanas que se seguem, Manoel passa a desconfiar de que algo a mais está acontecendo em Esmirna, ao observar diversos elementos estranhos do local: a atitude evasiva e assustada da população; o fato de não haver nenhum animal na região e as interferências semelhantes a vozes em suas gravações. Manoel também percebeu que, em toda a cidade, só havia um prédio dilapidado, vizinho à Mercearia; mas ao tentar levantar o tema com Tibúrcio este se tornou extremamente nervoso. O padre decidiu convidar o homem para se confessar, e Tibúrcio concordou em comparecer à igreja na manhã seguinte.

Na noite anterior à confissão, Manoel comenta que encontrou na igreja um livro preenchido por João Pátimos repleto de nomes e endereços desconhecidos, mas é interrompido por um barulho alto, seguido de muita estática no áudio antes da gravação ser cortada. Na gravação seguinte, Manoel soa extremamente nervoso, narrando como foi até a nave investigar o barulho. Lá, viu a estátua de São João Nepomuceno com sangue escorrendo de seus ouvidos, e acima do altar, a mensagem: “Provérbios 14:12. Siga o conselho de seu Senhor, Padre Manoel.” Ele diz que Provérbios 14:12 se refere ao versículo “Há um caminho que ao homem parece direito, mas o fim dele conduz à morte”, e que São João Nepomuceno é o padroeiro do voto de sigilo confessional. Com isso, Manoel deduz que para seguir Sua vontade, precisaria quebrar o sigilo confessional, e decide gravar a confissão de Tibúrcio para analisá-la depois. Ele está temeroso, mas sendo a vontade Dele, seguirá em frente.

No dia seguinte, a gravação se inicia com Manoel recepcionando Tibúrcio na igreja e o levando até o confessionário. A princípio, Tibúrcio tenta evadir o assunto ao contar sobre sua rotina de comerciante, mas sob insistência de Manoel, começa a contar o que lhe aflige. Tibúrcio narra que nos últimos anos, diversos desaparecimentos vinham acometendo a cidade, e as pessoas pararam de sair de casa para ir até a mercearia. Ele começou a ter problemas financeiros, muita dificuldade para pagar as contas, e decidiu ir até o prefeito, o homem mais bem sucedido da cidade, para pedir sua ajuda. Ele lhe disse que um amigo seu poderia ajudá-lo, e de fato, alguém apareceu na mercearia deserta, tarde da noite.

O Homem não lhe deu um nome, mas passava uma sensação assustadora. O desconhecido disse a Tibúrcio que sabia de sua situação e que poderia resolvê-la. Mas, para isso acontecer, Tibúrcio precisaria fazer uma coisa para ele: se livrar de Carlos Silva, seu amigo de longa data, dono e responsável pelo único jornal da região - o prédio vizinho à Mercearia. Tibúrcio hesitou, mas após a insistência do homem, acabou cedendo ao desespero. Na noite seguinte, ele chamou Carlos para beber e o drogou. Tibúrcio perdeu a noção do tempo, mas em algum momento o Delegado Moura surgiu para levar a “encomenda”, e Tibúrcio nunca mais viu seu amigo. Depois disso, ele conta que a população voltou a frequentar sua mercearia. No entanto, à noite, os únicos clientes que apareciam eram desconhecidos estranhamente silenciosos. Tibúrcio não tem mais problemas financeiros, mas também não consegue mais dormir. Após o desaparecimento de Carlos, o prédio do Jornal começou a se deteriorar rapidamente, até chegar ao estado atual: um lugar que parece abandonado há décadas, não meses. Ninguém fala sobre nada disso, temerosos, enquanto o delegado e o prefeito sempre insistem que tudo está bem.

Padre Manoel pergunta para Tibúrcio se ele se arrepende do que fez. O comerciante responde que sim, todos os dias, e que “daria tudo pra não ter feito aquilo”, antes de começar a chorar copiosamente. Manoel, percebendo a grande angústia na qual Tibúrcio se encontra, lhe concede absolvição e define sua penitência. Tibúrcio agradece ao padre e se despedem.

Manoel, novamente sozinho, comenta em voz baixa que o relato era mais preocupante do que ele esperava. Ele é interrompido por uma batida na porta do confessionário. Manoel abre, pensando ser Tibúrcio, mas a voz que escutamos é a do delegado José Moura. Ele diz que viu Tibúrcio saindo da igreja, e agora também quer se confessar.

Manoel, surpreso com a presença do delegado ali, gagueja um pouco, mas informa que os horários do dia terminaram e ele estará muito ocupado nos próximos. Moura soa

descontente com a dispensa, mas acerta com o padre de voltar na semana seguinte. Mais tarde, Manoel reflete sobre a confissão de Tibúrcio e o envolvimento do prefeito e do delegado na situação. Ele conclui que a lista de Pátimos contém os nomes dos desaparecidos da cidade, e se pergunta sobre a identidade do Homem misterioso e suas intenções.

Durante os dias que se seguem, Manoel descreve a mudança na atitude dos habitantes de Esmirna, que parecem ter ficado mais hostis à sua presença, e menos vêm comparecendo à igreja. Ele investigou um pouco sobre os desaparecimentos, sem muito sucesso, mas em sua busca encontrou os restos de um cartaz com o nome de João Pátimos, que foi “visto pela última vez na Casa de Enfermos Santo Antônio”. Havia um número de telefone listado, mas Manoel fala que não obteve resposta e também não conseguiu encontrar o lugar na cidade.

Neste momento, uma interferência soa na gravação, com uma voz mandando Manoel seguir o “Padre do Ouro”. Dias mais tarde, Manoel começa uma gravação em meio a uma caminhada, comentando que escutou a fita anterior, ouviu a voz e lembrou de uma história sobre um português conhecido como “Padre do Ouro”, que fez expedições pelo São Francisco durante o fim do século XVI. Como o rio não é tão longe, Manoel decidiu ir até lá.

Ele continua a falar sobre o caso até que tropeça em algo e cai no chão. O gravador resiste à queda. Quando Manoel procura no que topou, no entanto, percebe horrorizado que não foi uma pedra, e sim, um crânio. Olhando ao redor, ele encontra dezenas de ossadas. Vozes e sussurros passam a interferir na gravação, mas desta vez soam mais claros, como se vindas de gravações de momentos reais de dor e tortura. As vozes se acumulam, aumentando de volume até pararem de repente, para então suplicar a ajuda de Manoel.

A gravação seguinte inicia com um Manoel extremamente abalado, contando como chegou de volta à Matriz apenas no fim da tarde por ter se perdido na volta. Ele fala que não tem condições de comentar mais no momento, e desliga o gravador. Ele logo diz para Manoel “dispensar as formalidades”, e que não é assim que as coisas funcionam com ele. Moura é abrasivo, arrogante e direto, e mal dá espaço para Manoel falar.

Ao invés de uma confissão, Moura começa a conversar sobre si mesmo, relatando para o padre como a fé dele não está em “seu Deus”, mas na lei e na ordem, e que iria até o fim para garantir que elas fossem mantidas, não importando quem fique em seu caminho. Moura fala como as pessoas em Esmirna não sabem apreciar a paz, é por isso que ele gosta tanto do prefeito. Abelardo Pérgamo entende os sacrifícios que precisam ser feitos pelo bem maior, para que a ordem seja mantida. Sem ele, Esmirna seria só “mais um fim de mundo”.

Quando Moura passa a se gabar por ter livrado a região de “comunas e transgressores” Manoel finalmente consegue intervir, perguntando se ele sente remorso por suas ações. Moura não vê por que deveria: não descumpriu leis e estava seguindo o que acreditava. O delegado então indaga se Manoel está querendo defender os “vermelhos”, o padre diz que não cabe a ele julgar alma alguma. Moura pausa, e pergunta a Manoel se ele estava falando mesmo a verdade ou é aquilo era uma fachada para proteger seu irmão.

Manoel não responde e Moura continua, e diz como sabe sobre seu “irmãozinho comuna”, Chico Ferreira, bandido foragido do governo. Moura diz que, padre ou não, nada vai salvá-lo caso ele descubra que Manoel está ajudando comunistas. Manoel pergunta se Carlos Silva era comunista e, pela primeira vez, o delegado se cala. Ele se levanta para sair, mas antes avisa, seu tom bem mais grave e ameaçador: se Manoel continuar fazendo esse tipo de pergunta, ele vai acabar tendo o mesmo fim do jornalista e Padre Pátimos.

A próxima gravação é uma semana depois, com Manoel contando como as coisas não mudaram muito. Ele narra como finalmente escutou a gravação de quando encontrou as ossadas, e como as vozes provavelmente pertenciam àquelas pessoas antes de morrer. Manoel relata que a “confissão” de Moura serviu para confirmar o envolvimento do prefeito no que está acontecendo na cidade. Ele diz que precisa investigar mais sobre o Homem misterioso, e que deveria ter agido melhor na conversa com o delegado, mas ficou perturbado após a menção de seu irmão. Manoel conta que faz anos que não conversa com Francisco, e não tem notícias recentes dele, mas reza para que esteja bem. Enquanto reflete sobre informações, Manoel é interrompido pelas interferências usuais. Desta vez, no entanto, as vozes saem pelo próprio gravador, e Manoel, surpreso, consegue escutá-las. Com dificuldade, falam para Manoel que ele deve “voltar ao caminho”, “seguir o padre”, e lhe imploram para intervir.

Na manhã seguinte, Manoel está gravando enquanto caminha, novamente em direção ao Rio São Francisco. Ele comenta que não parou de pensar em Francisco desde a conversa com o delegado no dia anterior. Ele teme por sua segurança, e a situação que lhe rodeia faz com que fique ainda mais nervoso sobre o assunto.

Mais tarde, Manoel inicia uma nova gravação, onde fala que finalmente encontrou a Casa de Enfermos. Ele coloca o gravador no bolso e entra no local. Na recepção, Manoel pergunta sobre João Pátimos. A freira que lhe atende diz que não o conheceu, mas antes que Manoel possa perguntar mais, uma outra freira surge, se apresentando como Irmã Fátima, e diz que cuidou de Pátimos antes de seu desaparecimento. Ela conduz Manoel até seu

escritório e oferece um copo d'água para Manoel, que aceita, antes de perguntar se foi a Irmã que colocou os cartazes de desaparecido na cidade. A freira comenta que não achava que havia sobrado nenhum após o “escarcéu” do prefeito. Manoel pergunta sobre esta situação, mas antes de responder, Irmã Fátima questiona o gravador no bolso de Manoel. O padre tenta inventar uma justificativa, mas Fátima não compra. Envergonhado, ele pede desculpas e lhe conta que é uma longa história, mas as gravações fazem parte de uma missão enviada pelo Senhor. Para a surpresa de Manoel, a freira aceita sua explicação, não por acreditar nele necessariamente, mas por não ter nada a esconder.

Os dois passam então a conversar sobre João Pátimos. Irmã Fátima narra como há pouco mais de seis meses, o velho padre bateu na porta da Casa de Enfermos no meio da noite, exausto e falando incoerências, desmaiando logo depois. Na manhã seguinte ele continuava exaltado, contando para Irmã Fátima que estava sendo perseguido e precisava de abrigo. Irmã Fátima relata que Padre João apenas conversava com ela, portanto se tornou a única que cuidava dele. Ele falava constantemente sobre conspirações em Esmirna, demônios rondando a cidade, sequestrando pessoas e maquinando planos terríveis. Ela tentou encontrar lógica no que ele dizia, descobrir de onde vinham essas ideias, sem sucesso.

Algumas semanas se passaram, até que, um dia, o prefeito apareceu para visitar o padre. Irmã Fátima não sabe sobre o que conversaram, mas notou que Pégamo saiu muito irritado do lugar. Na noite do mesmo dia, a freira foi conferir se estava tudo bem com Pátimos, mas percebeu que um homem estava com ele no quarto, discutindo. Ela descreve que ficou paralisada, com uma sensação horrível, e perdeu a noção do tempo. Quando tudo passou e conseguiu abrir a porta do quarto, no entanto, Pátimos e o outro homem haviam desaparecido. Ela nunca mais os viu. A freira comenta com Manoel que não acha que o prefeito ou o delegado sequer tentaram encontrar o velho padre, e quando tentou pendurar os cartazes de desaparecido, o prefeito veio pessoalmente dizer que aquilo era proibido.

Manoel pede para que Irmã Fátima lhe leve até o quarto de Pátimos. Ela concorda, mas diz que antes precisam passar na recepção. No caminho, Manoel passa a falar com mais dificuldade, e comenta que não está se sentindo bem. Irmã Fátima pede desculpas, e diz que precisou fazer aquilo. Confuso, Manoel perde a consciência, enquanto a freira tira o gravador do seu bolso e encerra a gravação.

A gravação seguinte se inicia e é encerrada duas vezes, até que escutamos a voz de Abelardo Pégamo conversando sozinho, os sons de um motor de carro ao fundo. Ele comenta

a “insistência” do aparelho, rindo consigo mesmo, até que uma das vozes surge, soando do gravador. O prefeito para o carro e escutamos ele acordando Manoel, que soa sonolento. Após alguns instantes, Pérgamo liga o carro novamente, e Manoel pergunta o que o prefeito quer. Ele responde “a Extrema Unção”, explicando que seu tempo está acabando, e ele não quer ir para o inferno. Manoel protesta, e Abelardo o interrompe dizendo que ele não faz ideia do que está acontecendo ali. O padre diz que não tem como absolver os pecados do prefeito sem saber quais são. Frustrado, Pérgamo começa a narrar sua história para Manoel.

Pérgamo conta que cresceu se dedicando para se tornar prefeito no futuro, mas seus planos foram interrompidos por um acidente, no qual atropelou e matou uma criança. Acreditava que estava arruinado, até que viu um Homem parecido com uma assombração surgir na estrada com uma proposta: resolveria seu problema e lhe garantiria sucesso e poder, mas em troca, Pérgamo faria o que ele pedisse, e em trinta anos ele levaria sua alma. Pérgamo aceitou, e diz que o Homem cumpriu o trato: ele venceu as eleições, nunca mais ouviu falar na criança e logo se tornou a pessoa mais poderosa da região. Ocasionalmente, o Homem aparecia, pedindo por pessoas. Pérgamo lhe indicava sem-tetos e outros “que ninguém daria falta”, abafando qualquer ponta solta. Mas, nos últimos anos, o Homem passou a aparecer com mais frequência, pedindo por pessoas específicas. Ele conta que o Homem rapidamente se livrou de Carlos Silva e João Pátimos quando os dois tentaram descobrir mais sobre os desaparecimentos, e que o Homem está mais forte do que antes, “parecendo gente”. Pérgamo confessa que as coisas fugiram de seu controle, e seu tempo está acabando.

Manoel diz a Abelardo que não pode absolvê-lo, comentando que o prefeito foi responsável pela morte de dezenas de pessoas, mas se importa apenas com seu próprio bem estar. Um silêncio desconfortável se segue, até que o prefeito para o carro e manda Manoel descer. Para a surpresa do padre, o prefeito parou na Matriz de Esmirna, partindo em seguida.

A gravação seguinte acontece na noite do mesmo dia, com uma forte tempestade ao fundo. Manoel relata que as coisas estão ainda mais complicadas do que antes. Uma das vozes soa pelo gravador, dizendo para ele não temer, mas o padre se exalta, frustrado com toda a situação, até ser interrompido por um estrondo próximo. Escutamos Manoel botar o gravador no bolso e ir investigar o som. Ele vê alguém, mas está escuro demais, e diz que não quer usar violência. Para o choque de Manoel, quem se revela é Francisco, seu irmão.

Os dois se abraçam para então conversarem um pouco. Manoel, notando que Francisco está encharcado, oferece roupas secas ao irmão, e os dois seguem para os aposentos

de Manoel. Chegando no quarto, Francisco pergunta a Manoel se ele sabe que está foragido, e o padre responde que sim, mas não se importa. Manoel, se emocionando, pede desculpas por suas atitudes no passado com o irmão, que lhe interrompe dizendo que está tudo bem. Os dois se abraçam novamente. Manoel, se recompondo, diz que não consegue ver nada no escuro em que estão, e pede para Francisco ligar a luz. Manoel continua a conversar, até se interromper de repente. Francisco pergunta o que aconteceu, e Manoel, sério, pergunta quem ele é.

Quando Francisco fala de novo, sua voz está diferente, distorcida, e pergunta se foram os olhos que lhe entregaram. Manoel indaga se ele é o tal Homem, e quais são suas intenções em Esmirna. O impostor responde que não é humano, mas é quem Manoel procura. Ele diz que não planejava atormentar Esmirna, mas após o acordo com Abelardo, as coisas foram acontecendo. Ele se alimenta de miséria e desespero, e não fez nada muito grande ao longo dos anos para evitar atenção. No entanto, nos últimos anos, percebeu que não precisava mais se esconder, já que não era só em Esmirna que coisas do tipo aconteciam, e nunca esteve tão bem alimentado. Manoel então pergunta o que Francisco tem a ver com tudo isso, e o Homem responde que fez um acordo com ele. Ele diz que não pode entrar sem ser convidado, e Francisco implorou por ajuda enquanto estava sendo torturado, “abriu a porta para ele”. O acordo era este: ele entrava em seu corpo, Francisco não morria.

Após alguns instantes, Manoel pergunta, furioso, o que realmente o impostor quer dele, por que não o matou ainda. O Homem diz que está ali com uma proposta: ele deixa Francisco em paz se Manoel deixar ele entrar em seu corpo. Ele explica que está cansado de andar nas sombras, e o rosto de Francisco é procurado, inconveniente. Ele fala que sabe que Manoel é incapaz de matar, e não vai permitir que seu irmão continue sofrendo.

Manoel respira fundo e diz que a porta está aberta, que podem entrar. Uma grande cacofonia surge, mas após um trovão, tudo fica silencioso. Escutamos Manoel se lamentando, mas ele se interrompe no meio da frase, passando a soar como Francisco mais cedo; é o demônio falando em seu corpo. Ele diz para Manoel parar de resistir, mas o padre diz que abriu a porta. O demônio desdenha, mas Manoel insiste que abriu a porta - não só para ele. O demônio se irrita, mas não consegue completar a frase: as Vozes que antes soavam apenas pelo gravador soam agora junto com Manoel. Em uníssono, afirmam que são muitos e estão ali. Furioso, o demônio pergunta o que Manoel e as vozes vão fazer, enquanto o padre caminha até a porta da igreja. Juntos, eles respondem que vão intervir.

CENÁRIO

A comunidade fictícia de Esmirna se originou no fim do século XVI, durante as expedições de António de Gouveia ao longo do rio São Francisco. Gouveia é uma figura que de fato existiu, um português conhecido como “Padre do Ouro”, que veio para Pernambuco depois de ter sido preso durante a Inquisição em Lisboa, sob acusações de magia e necromancia. Após alguns anos gerando intrigas e causando repúdio por seu uso de artimanhas e feitiços, Gouveia foi novamente preso e enviado de volta a Portugal, onde desapareceu nas masmorras da Inquisição. Na história que contamos, a comunidade fundada por Gouveia seguiu em frente, mas a história do infame Padre do Ouro se tornou apenas uma lenda perdida no tempo, desconhecida pela grande maioria dos habitantes.

Mesmo com suas origens antigas, Esmirna foi declarada município somente em 1933, durante a Era Vargas. Apesar de relativamente grande e bem desenvolvida para a região, são raras as pessoas de fora de Esmirna que já ouviram falar da cidade. Isso fica ainda mais ressaltado pelo fato da cidade se situar em um local de difícil acesso, isolado do resto dos municípios do sertão do São Francisco. Nos últimos anos, sob a gestão do prefeito Abelardo Pérغامo, a cidade cresceu consideravelmente de tamanho, com diversos novos prédios e negócios sendo estabelecidos. Uma grande revitalização também foi executada, restaurando diversos prédios antigos em toda a extensão do local.

Os poucos forasteiros que chegam na cidade se surpreendem com sua organização e limpeza, e o prédio de maior destaque é, sem dúvidas, a Igreja Matriz, que até poucos meses atrás era conduzida pelo padre João Pátimos. Curiosamente, mesmo com a considerável expansão da cidade, a população local não aumenta ou diminui há pelo menos 30 anos – sempre que alguém parte, outra pessoa passa a morar na cidade. Não mais, não menos.

PERSONAGENS

MANOEL FERREIRA: 33 anos. Nascido em Vitória de Santo Antão e criado em Recife, Manoel vem de uma família de classe média fervorosamente católica. Foi concebido após um longo tempo de tentativas de seus pais, e quando a gravidez mostrou-se difícil, sua mãe prometeu que se tudo ocorresse bem no parto e seu primogênito nascesse saudável, ele se tornaria padre. Seu pedido se realizou, e o futuro de Manoel já estava marcado desde o momento que veio ao mundo. Cresceu como uma criança calma e estudiosa, um orgulho para seus pais, e era sempre utilizado como bom exemplo para seu irmão mais novo, Francisco Ferreira. Os dois nunca foram muito próximos, por diversos fatores: a constante “competição” promovida por seus pais, a diferença de idade de cinco anos que separava os irmãos, e o fato de estudarem em locais diferentes – logo que entrou no ginásio, aos 11 anos, Manoel passou a cursar o Seminário Menor. Enquanto isso, Francisco crescia batendo cada vez mais de frente com os pais, uma situação que apenas piora a partir da ausência da figura mediadora de Manoel, que sai de casa aos 17 anos para cursar o Seminário Maior.

Em janeiro de 1964, aos 23 anos, Manoel é ordenado padre, semanas antes das tensões entre seu irmão mais novo e seus pais chegarem ao ápice: em um almoço dominical, Francisco anuncia para a família que se filiou ao Partido Comunista. A briga homérica que acontece a seguir culmina em sua dramática expulsão de casa. Apesar de repudiar a atitude dos pais, Manoel não opina na discussão, e nas poucas vezes que se encontraram após o evento, Francisco se mostrou muito ressentido pela passividade do irmão diante do que aconteceu. Os dois não conversam mais. A forma como lidou com a situação e o conseqüente afastamento de Francisco são os maiores arrependimentos da vida de Manoel, que reza para que um dia possa reparar suas atitudes. Poucos anos depois, ao descobrir o apoio de seus pais ao governo militar mesmo quando confrontados sobre os horrores proporcionados pela ditadura, Manoel decide romper suas relações. Ele hoje entende que essa face dos dois sempre esteve à mostra – principalmente para Francisco –, mas era algo que nunca quis enxergar.

Apesar de ter passado grande parte de sua vida completamente dedicado aos estudos religiosos, nem sempre esteve seguro sobre sua crença em algo maior. Teve uma grande crise de fé após a situação com seu irmão e seus pais, analisando com desprezo e desilusão a incrível discrepância entre o que era pregado nos Ensinamentos e as atitudes hipócritas cometidas por pessoas e autoridades que se denominavam “de fé”. Encontrou na Teologia da

Libertação uma ponte entre sua religião e suas convicções políticas. Hoje tem confiança na própria fé, mas é também movido por um forte senso de integridade e justiça que não tem medo de deixar que se sobreponha às convenções e normas da igreja católica.

TIBÚRCIO SANTANA: 47 anos. Um comerciante simpático e sorridente, fica bem claro para qualquer um que converse com ele que a grande realização de sua vida é sua mercearia, Filadélfia – talvez o mais bem sucedido estabelecimento de toda a cidade. É um homem bastante religioso e influenciável, que carrega um terrível remorso por ter traído a confiança de um grande amigo.

DELEGADO JOSÉ MOURA: 42 anos. Arrogante, agressivo, um policial orgulhoso de todas as atrocidades envolvidas em sua profissão. Não tem escrúpulos e é fervorosamente devoto à sua ideologia anti-comunista – diferentemente da maior parte da população de Esmirna, a única coisa que acredita é na lei, na ordem e no poder. Muito leal ao prefeito Abelardo Pérغامo, que é também a única pessoa na cidade que ele trata com o mínimo de respeito, além de um tanto de admiração.

FRANCISCO FERREIRA: 28 anos. Rebelde por natureza, a ovelha negra da família Ferreira. Socialmente engajado desde muito jovem, sua personalidade forte sempre bateu de frente com as visões conservadoras de seus pais. Filiado ao Partido Comunista e atualmente clandestino do governo, Francisco guarda diversas mágoas e rancores adquiridos ao longo de sua carreira como sindicalista, além de sua relação tempestuosa com a família. Apesar de tudo, ainda valoriza e admira seu irmão, que não vê há anos.

IRMÃ FÁTIMA: 32 anos. Calma e resignada, mas destemida em sua fé, Irmã Fátima cumpre sua vocação cuidando dos enfermos da região. Cuidou do padre João Pátimos nas semanas que antecederam seu desaparecimento, não se deixando abalar mesmo com as várias brigas e intrigas de Esmirna que perseguiram o velho padre. É conhecida por ser gentil e afável, mas não tem medo de bater de frente com as figuras de poder da cidade. Em sua visão, precisa temer apenas o Senhor.

PREFEITO ABELARDO PÉRGAMO: 55 anos. Carismático, de personalidade magnética, o prefeito de Esmirna é o típico político conversador. De início, passa a imagem de uma figura de autoridade paternal e justa, porém não é muito difícil perceber a ambição maquiavélica que espreita logo abaixo de sua eloquência e palavra fácil. Por conta de sua posição de autoridade, não parece temer nada nem ninguém, e sempre faz de tudo para sair por cima em uma situação. Conversa com o delegado Moura de forma igual para igual, mas não o vê como mais do que um peão necessário para executar suas vontades.

PADRE JOÃO PÁTIMOS (Não aparece presencialmente): 66 anos. Fervoroso e amado padre da cidade, comandava a paróquia de Esmirna antes de desaparecer misteriosamente. É descrito como um homem firme e rígido, mas de bom coração. Um homem normalmente inquisitivo e escrupuloso, pareceu começar a perder a sanidade em seus últimos dias, vociferando a plenos pulmões sobre conspirações e demônios rondando as ruas de Esmirna. Sua presença ainda permeia toda a cidade.

CARLOS SILVA (Não aparece presencialmente): 45 anos. Dono e repórter do único jornal da região, o Diário de Esmirna, Carlos, pela própria natureza de seu trabalho, sempre foi alguém questionador e determinado a expor a verdade. Nunca teve medo de ser crítico dos caminhos que estavam sendo tomados pelas figuras de autoridade de Esmirna.

O SOM DO TROVÃO

escrito por

Victória Cardoso

EP. 1
VEM E VÊ

1 INT. MATRIZ DE ESMIRNA: APOSENTOS - NOITE

1

Um "CLICK" marca o início da gravação. Som baixo da fita rodando, um pouco de estática ao fundo.

Escutamos a voz de MANOEL (homem, 33).

MANOEL

Teste. Teste. Certo, acho que agora vai.

(limpa a garganta)

Cidade de Esmirna, 3 de novembro de 1973, nove e meia da noite. Padre Manoel Ferreira gravando.

A viagem de Recife até aqui foi cansativa, mas sem grandes problemas. Não passava tanto tempo em um ônibus desde que visitei Paulo Afonso, ainda criança. Quase pude escutar minhas costas clamando louvores quando chegamos na rodoviária municipal

(risada)

Quem me recebeu foi o próprio prefeito, o sr.

Abelardo Pérgamo. Nas nossas conversas ao longo do dia ficou bem claro que o prefeito é muito orgulhoso do lugar onde mora e de seus feitos como político. À primeira vista, Esmirna não me pareceu muito diferente de outras cidades que conheço aqui do interior, mas ela é bem maior do que eu esperava, na verdade.

Pérgamo me levou em um pequeno tour e mostrou os pontos principais da região: o prédio da prefeitura, a mercearia, e a matriz também, claro. Foi uma boa forma de conhecer já algumas pessoas da cidade, todos muito cordiais. Tibúrcio, o dono da mercearia, é simpático, conversador nato.

(CONTINUED)

1 CONT'D:

1

O delegado-

(em dúvida)

Qual é o nome dele mesmo? Moura? É, Moura. Bem, o delegado pareceu um tanto descontente com minha chegada na cidade, mas espero que tenha sido só impressão minha.

SFX: _____ VOZES ININTELIGÍVEIS, SUSSURROS

MANOEL (CONT'D) Dom Sardes me enviou até aqui para ocupar o papel de pároco da matriz local, que está vago já há alguns meses. No momento estou em meus aposentos, nos fundos da matriz. A igreja não é muito grande, mas mesmo na ausência do padre Pátimos, meu antecessor, tudo continua em excelentes condições. A cidade toda, aliás, é extremamente bem cuidada, uma das mais bonitas e organizadas que já vi - ruas são limpas, todas pavimentadas com paralelepípedos; as casas coloridas são antigas e bem conservadas. Parece um lugar bom para se estabelecer.

(pausa)

Acho que Francisco iria gostar daqui. Ele adorava viajar pelo interior, e a não ser que isso tenha mudado nos últimos anos, Esmirna seria um destino interessante, senão único. Confesso que, até minha reunião com Dom Sardes uma semana atrás, eu mesmo nunca tinha ouvido falar de Esmirna.

(CONTINUED)

1 CONT'D: (2)

1

Na verdade, ainda não encontrei ninguém de fora que conhecesse essa cidade, nenhum de meus colegas do seminário era familiar com esse lugar.

Chegando aqui, percebi que isso provavelmente se deve ao jeito que a cidade está isolada do resto da comunidade do São Francisco - não tem praticamente nada além da caatinga por quilômetros ao nosso redor, nenhum outro município ou distrito vizinho à vista. Felizmente, o que vi de Esmirna até agora me deixou mais tranquilo em estar tão longe de todos. É interessante, esse lugar solitário e próspero, isolado e desconhecido pelo resto do mundo. Fico me perguntando se algum dia meu caminho sequer passaria perto de Esmirna se não fosse pela oportunidade que recebi.

(bocejo)

Bem, a viagem me cansou mais do que eu imaginava, é melhor me retirar pela noite. O saldo de meu primeiro dia em Esmirna foi bastante positivo. Com a graça do Senhor, que o amanhã seja tão abençoado quanto hoje.

SFX: _____ SUSSURROS

Com mais um "CLICK", a gravação é encerrada

2 INT. MATRIZ DE ESMIRNA: APOSENTOS - TARDE

2

Novamente há o "CLICK" marcando o início da gravação.

(CONTINUED)

2 CONT'D:

2

MANOEL

Matriz de Esmirna, 7 de novembro de 1973, três e quinze da tarde. Padre Manoel Ferreira gravando. Minha primeira missa dominical correu melhor do que eu esperava. A matriz estava lotada, e pelo que conversei com os fiéis após os ritos, eles pareceram ter gostado. Fico feliz.

Eu preciso resolver alguns serviços que estão pendentes desde o desaparecimento de Padre Pátimos. Organizar o depósito, estocar as partículas, estabelecer novos horários para confissões. Ainda não consegui ninguém para a vaga de sacristão, o que complica um pouco as coisas. Tentei descobrir quem ocupava o posto na época de Pátimos, mas ninguém soube me responder.

(*pausa*)

Será que ele cuidava dessa igreja inteira *sozinho*? Não seria impossível, mas certamente é incomum. E por que ele faria isso? Bem, de toda forma, deixei um cartaz no quadro de avisos anunciando a vaga. Vou tentar falar com o prefeito para o caso dele saber de alguém interessado. Foi um dos poucos que não vi aqui no domingo, além do delegado. Que o Senhor me perdoe, mas confesso que fiquei um tanto aliviado ao notar a ausência de Moura.

SFX: _____ SUSSURROS

Em outro assunto, preciso procurar o manual desse gravador.

(CONTINUED)

2 CONT'D: (2)

2

Nos últimos dias ele ligou sozinho umas três vezes. Não sei se apertei alguma coisa errada ou a tecla está com defeito... não sou o melhor com tecnologia. Ainda assim, preciso admitir que é uma forma bem mais prática de registrar meus pensamentos. Preciso agradecer novamente a Dom Sardes, foi um presente maravilhoso.

SFX: _____ SUSSURROS

Enfim. Percebi que as lâmpadas da copa e da secretaria estão piscando, mas não consegui encontrar nenhuma reserva no depósito. Vou passar agora na Mercearia Filadélfia para comprar umas novas... aproveitar e também falar com Tibúrcio sobre a vaga para sacristão. Ele deve conhecer a cidade inteira, a mercearia está sempre lotada.

3 INT. MATRIZ DE ESMIRNA: APOSENTOS - MANHÃ

3

Novamente há o "CLICK" marcando o início da gravação.

MANOEL

Matriz de Esmirna, 14 de novembro de 1973, nove e cinco da manhã. Padre Manoel Ferreira gravando. A igreja continua sem sacristão.

(pausa)

Não sei se estou fazendo algo de errado. Apesar da grande adesão aos ritos de domingo, a cidade parece evitar a igreja durante qualquer outro momento.

(CONTINUED)

A população é, no geral, solícita às minhas dúvidas e a questões cotidianas, mas todos com quem conversei surgiram com desculpas ou desviaram do assunto quando tentei falar sobre o padre Pátimos ou a vaga de sacristão.

Inclusive, percebi algumas coisas... curiosas, nessa última semana. Para uma cidade do porte de Esmirna, as ruas estão notoriamente vazias na maior parte do tempo. Todos estão sempre apressados e assustados, mesmo em plena luz do dia. A comunidade não age como se fosse uma, não vejo ninguém se reunindo em momentos que não sejam a feira ou a missa de domingo. E, mesmo assim, no instante em que os ritos acabam, todos voltam direto para suas casas, sem parar para socializar. A única pessoa com quem consigo ter uma conversa relativamente normal é Tibúrcio, mas nem ele parece saber muita coisa sobre o padre. Pelo que entendi, Pátimos era um homem rígido e fervoroso, mas de bom coração, que tinha uma boa relação com a comunidade. E isso não explica a atitude do resto do povo de Esmirna. Será que estão com medo por conta do desaparecimento, será que algo do tipo aconteceu outras vezes?

SFX: _____ VOZES ININTELIGÍVEIS

(CONTINUED)

Não consegui conversar com o prefeito Pérgamo nos últimos dias, ele está sempre com a agenda cheia e indisponível. O delegado Moura também manteve sua atitude comigo nessa última semana. Várias vezes enquanto eu andava na cidade, percebi o delegado por perto, me encarando com uma expressão... não quero dizer *ameaçadora*, não cabe a mim julgar este homem. Mas é quase como se ele estivesse esperando que eu fizesse algo. O quê, eu não sei.

(suspiro frustrado)

A verdade é que estou perdido. Senhor, sei que me enviastes para cá por alguma razão, e acho que é para ajudar essa comunidade. Mas não sei *como*. Parece que há algo mais acontecendo em Esmirna, logo abaixo dessa superfície idílica, e que meu antecessor está envolvido em tudo isso de alguma forma, mas ele continua quase tanto um mistério para mim quanto ele era no meu primeiro dia aqui. Eu só espero conseguir cumprir a missão que me foi dada.

4 INT. MATRIZ DE ESMIRNA: APOSENTOS - MADRUGADA

4

"CLICK". A voz de Manoel é sonolenta e seu relato soa mais informal.

MANOEL

Esmirna, 14... acho que já é dia 15? Não sei que horas são, não importa.

(bocejando)

Manoel gravando.

(CONTINUED)

4 CONT'D:

4

Não tem bicho aqui. Eu estava caindo no sono e percebi, vim gravar pra não esquecer. Porque isso não é normal, é? Desde que eu cheguei aqui eu não vi bicho *nenhum*. Até em Recife dava para escutar cigarra e grilo de noite, passarinho de manhã.

SFX: _____ SUSSURROS

Aqui não tem nada. Nada! Não tem cachorro debaixo de marquise, gato dormindo sob o sol, cigarra cantando. Nem uma mosca, nem mosquito.

O que está acontecendo aqui, Senhor?

Mais um "CLICK" e a gravação é encerrada.

5 INT. MATRIZ DE ESMIRNA: APOSENTOS - MANHÃ

5

O "CLICK" marca o início da gravação. Manoel soa completamente acordado.

MANOEL

Matriz de Esmirna, 15 de novembro de 1973, oito e vinte da manhã. Padre Manoel Ferreira gravando. Escutei minha gravação de ontem à noite. Eu definitivamente estava com bastante sono... mas eu não estava errado. Realmente, ainda não vi nenhum animal em toda Esmirna, mas é possível que haja alguma explicação científica para isso.

Eu só não sei qual.

Mais importante do que isso: logo no início da gravação dessa madrugada, houve algum tipo de interferência que não sei de onde veio.

(CONTINUED)

Resolvi escutar os meus outros registros e notei que *todos* eles tinham interferências similares em algum momento ou outro, não parecem com nada que eu já escutei antes. Não acho que é problema do gravador, porque as interferências... parecem vozes.

SFX: _____ VOZES

MANOEL (CONT'D) O gravador tem me dado um outro tipo de problema: ele nunca fica onde eu o deixo. Ontem mesmo, após ter gravado de madrugada, tenho certeza que o guardei na mesa de cabeceira. Mas, hoje de manhã, eu estava lendo quando notei que o gravador estava bem aqui ao meu lado, sobre minha escrivaninha. Não foi a primeira vez que algo parecido aconteceu, mas junto ao que captei nas gravações fica bem mais difícil de ignorar. Eu devo estar soando que nem um louco.

(risada, pausa)

Eu- preciso sair um pouco desse quarto. Aproveitar o feriado, dar uma caminhada, tentar falar com quem quer que esteja nas ruas. Espero conseguir encontrar alguém.

MANOEL Matríz de Esmirna, 22 de novembro de 1973, oito horas da noite. Padre Manoel Ferreira gravando. Nada mudou muito nos últimos dias, mas hoje notei mais uma coisa inquietante. Eu cheguei a comentar como a cidade é bem conservada. Quando falo isso, quero dizer que absolutamente todos os prédios de Esmirna, da prefeitura até as casas residenciais, estão em perfeito estado, pintura recente, imaculados. Todos, menos um.

A ESTÁTICA de fundo fica um pouco mais forte.

MANOEL (CONT'D) O prédio vizinho à Mercearia Filadélfia está completamente destruído. Não sei o que era no passado - só sobraram ruínas, a placa da entrada completamente desbotada pelo sol. Parece estar abandonado há anos. Não sei como não percebi antes - é impossível não notar agora, o contraste entre esse terreno e a mercearia não podia ser maior.

A ESTÁTICA volta a baixar de volume.

MANOEL (CONT'D) Fui na mercearia logo depois para poder falar com Tibúrcio sobre o tal prédio, mas vi que ele imediatamente ficou nervoso, evitou me responder.

(CONTINUED)

Foi a primeira vez que ele agiu dessa forma comigo. Até tentei insistir, mas fomos interrompidos pela entrada do delegado Moura. Tibúrcio se recusou a falar qualquer outra coisa depois disso.

A questão é: Tibúrcio esteve presente em todas as missas que já celebrei em Esmirna. Até as missas ocasionais de meio de semana, em que quase ninguém comparece, ele faz questão de marcar presença. Ainda assim, em nenhuma dessas ocasiões ele chegou a receber a Sagrada Comunhão. Sei disso porque ele sempre está lá, sentado na primeira fileira, observando os outros fiéis, mas nunca fazendo parte.

SFX: _____ SUSSURROS

Me pergunto quando foi a última vez que ele se confessou. Ele deve estar se sentindo culpado por algo, para se manter assíduo aos ritos mas nunca comungar.

Vou falar com Tibúrcio nesse próximo domingo, lembrá-lo dos horários disponíveis para confissão. Talvez assim ele se sinta mais confortável para se abrir sobre o que lhe atormenta.

7 CONT'D:

7

MANOEL

Matriz de Esmirna, 26 de novembro de 1973, cinco para as onze da noite. Padre Manoel Ferreira gravando.

Eu consegui. Tibúrcio, como sempre, estava presente na missa de ontem, e novamente não comungou. Após os ritos finais, o convidei para uma confissão. Acho que ele pretendia recusar, mas antes que pudesse falar qualquer coisa, lhe lembrei de como o confessionário é um espaço livre de julgamento, e o caminho para ser perdoado pelo que ele se arrependia. Isso pareceu convencê-lo, porque ele concordou em vir nesta sexta para poder se confessar.

(pausa)

Quando fui guardar alguns materiais no depósito após a missa, encontrei algo esquecido entre algumas caixas: o livro caixa da igreja, preenchido por João Pátimos. De início não vi nada de estranho, mas após algumas páginas, as informações deixam de ser sobre os gastos e doações da paróquia, e viram uma lista de nomes e dados pessoais de diversas pessoas, algumas famílias, mas nenhum que reconheci de imediato. As anotações de Pátimos comentam sobre a falta de ligação entre eles.

A ESTÁTICA de fundo fica mais forte.

(CONTINUED)

7 CONT'D: (2)

7

MANOEL (CONT'D) A última entrada do livro não tem o nome preenchido, mas o endereço está lá. Conferi hoje mais cedo. É o prédio vizinho à Mercearia Filadélfia.

(suspiro)

Espero que Tibúrcio possa trazer alguma luz a tudo isso, e que eu possa ajudá-lo de alguma forma. Não sei muito bem-

Manoel é interrompido por um barulho alto de algo arranhando uma parede.

MANOEL (CONT'D) O que- foi isso?

SFX: _____ PASSOS, ESTÁTICA FORTE, ARRANHÕES

Manoel continua a falar, mas a gravação se torna ininteligível por conta da estática. A gravação é encerrada.

8 INT/EXT. NÃO-LUGAR

8

Uma das vozes, VOZ #1, fica mais compreensível. A voz ecoa um pouco e é duplicada, como se mais de uma pessoa estivesse falando a mesma coisa em uníssono. As palavras saem com dificuldade. Há estática ao fundo.

VOZ #1 Ainda. Estamos. Aqui.

9 INT. MATRIZ DE ESMIRNA: APOSENTOS - NOITE (MAIS TARDE)

9

"CLICK". A voz de Manoel está trêmula e nervosa.

(CONTINUED)

9 CONT'D:

9

MANOEL

Já faz... uma hora? Um pouco mais do que isso, desde a última gravação. Eu ainda não... já rezei, mas não tenho certeza-

(respira fundo, pausa)

Eu fui ver o que era aquele barulho. Estava vindo da nave ou do altar, eu não fazia ideia mas- todas as imagens. As estátuas de santos e anjos em toda a igreja foram movidas em uma só direção, viradas em direção ao altar como se- estavam olhando algo. Uma outra estátua, a de São João Nepomuceno, estava no altar e- seus olhos, e ouvidos- havia algo. Sangue, escorrendo deles.

Por trás da estátua de São João, sobre o altar e- acima da cruz, alguém, *algo...* deixou uma mensagem- Não escutei ninguém entrando, e a altura, não teria dado tempo- eu verifiquei todas as trancas, não tem como... não tem como alguém ter feito isso. A mensagem estava escrita em letras enormes, arranhadas no reboco da parede: "PROVÉRBIOS 14:12. SIGA O CONSELHO DO SEU SENHOR, PADRE MANOEL".

(suspiro trêmulo)

Eu não- eu- é... Eu lembrava do que dizia, o versículo, mas ainda assim fui conferir. Para ter certeza. "Há um caminho que ao homem parece direito, mas o fim dele conduz à morte".

Fala sobre decisões erradas, suposições humanas presunçosas, feitas sem a sabedoria do Senhor.

(CONTINUED)

Sozinha, eu diria que era um aviso para ser cauteloso com os caminhos que sigo. Mas junto da estátua de Nepomuceno- São João Nepomuceno foi um mártir. O santo padroeiro do voto de sigilo confessional. E se eu seguir seus passos, a rota que parece certa aos olhos humanos- eu posso- posso trazer consequências desastrosas.

Ir contra os passos de João Nepomuceno... preciso quebrar o sigilo confessional. Gravar a confissão de Tibúrcio e analisar posteriormente o que foi dito... e o que não foi.

(pausa)

Há realmente algo de muito errado acontecendo na cidade de Esmirna, e acredito que João Pátimos pensava o mesmo. Pela primeira vez desde que cheguei, sei o que devo fazer. Não sou digno da missão que me foi dada, mas preciso seguir em frente. Se não eu, quem mais?

Que Deus tenha piedade de minha alma.

FIM DA GRAVAÇÃO

O SOM DO TROVÃO

escrito por

Victória Cardoso

EP. 2
TENS REPUTAÇÃO VIVA,
MAS ESTÁS MORTO

1 INT. MATRIZ DE ESMIRNA: CONFESSIONÁRIO - TARDE

1

SFX: _____ PORTA, PASSOS

Escutamos uma porta rangendo e se fechando, e então passos abafados se afastando do gravador. Ainda longe do gravador, escutamos as vozes distantes de Manoel e TIBÚRCIO (homem, 45) ecoando pela igreja.

TIBÚRCIO Dia, padre Manoel.

MANOEL Bom dia, Tibúrcio. Fico feliz que você tenha vindo.

TIBÚRCIO Claro, padre.

MANOEL Podemos? O confessionário fica por aqui.

TIBÚRCIO (incerto)
Ah- sim. Podemos.

Os passos vêm em direção ao gravador. Escutamos Manoel abrindo a porta, entrando no confessionário e fechando a porta logo em seguida. Quando Manoel volta a falar, sua voz está bem próxima.

MANOEL Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.
Amém.

TIBÚRCIO (em uníssono)
Amém.
Padre, dai-me vossa bênção porque pequei.

(CONTINUED)

1 CONT'D:

1

MANOEL Que o Senhor esteja no teu coração e nos teus lábios para que confesses as tuas faltas.

TIBÚRCIO Faz... não sei quanto tempo, padre. Um ano? Um ano. Desde a minha última confissão.

Minha rotina é simples. Eu acordo cedo, faço minha reza, tomo meu cafézinho e abro a mercearia, passo meu tempo todo lá. É o orgulho da minha vida. Tem vinte anos que tenho meu negócio, lutei muito pra chegar onde eu tô. A mercearia tá melhor do que nunca, mas comecei pequenininho, sabe, um pega bebo do tamanho do nada, ninguém botava fé. Chega enche o peito de alegria de chegar e ver aquela fachada bonita, "*Mercearia Filadélfia*". Num tem uma pessoa em Esmirna que não compra lá.

Antigamente eu não podia nem sonhar em sair assim, dia de semana, o senhor sabe. Eu nem tinha dinheiro pra botar alguém no meu lugar nem podia perder cliente. Mas agora tô mais confortável, dá pra tirar umas folgas, arranjar alguém pra dar uma força. Aí aproveito pra fazer o que eu preciso. Hoje tá assim lá. Meio de semana assim não vem tanta gente, é mais sossegado-

MANOEL Tibúrcio, fico feliz com o que você me disse sobre a mercearia. Nosso Senhor há de lhe prover muitas bênçãos, e, em seu infinito amor, há de perdoar seus pecados. Mas diga, o que realmente lhe traz aqui?

(CONTINUED)

1 CONT'D: (2)

1

Pausa. Alguns instantes se passam, e Tibúrcio não responde o padre. Manoel volta a falar.

MANOEL (CONT'D) Eu lhe disse domingo, não estou aqui pra julgar. Aqui é um espaço perante a nosso Senhor para que você possa se abrir sobre seus pecados e receber o perdão. Mas para ser absolvido, você precisa primeiro confessar do que você se arrepende.

Mais uma pausa. Tibúrcio respira fundo. Quando ele volta a falar, sua voz soa bem mais nervosa e incerta do que antes.

TIBÚRCIO Eu sempre fui um homem generoso, sabe, padre. O senhor deve ouvir muito isso, mas é verdade, pode perguntar pra qualquer um. Nunca tive muito, mas o que era meu era de todo mundo que precisasse. Acho que por isso eu num me atentava em guardar dinheiro, nunca soube fazer isso direito mesmo, e a mercearia ia bem, falei pro senhor, o povo daqui é tudo cliente meu.

(suspiro)

Acontece que de uns anos pra cá umas pessoas começaram a sumir, assim, sem mais nem menos. Lembro como se fosse ontem, o primeiro foi Ângelo, de dona Zuleica. Não conhecia muito bem, mas acho que era boa gente. Tinha uns vinte e tantos anos, dava aula lá no ginásio. Um dia tava aqui, no outro não tava mais.

(CONTINUED)

1 CONT'D: (3)

1

SFX: VOZES ININTELIGÍVEIS

O senhor já sabe, Esmirna não é cidade grande. A gente tudo se conhece, quando um negócio desses acontece todo mundo fica sabendo. Dona Zuleica foi na delegacia, pra registrar né, começar uma investigação, ir atrás dele, mas não deu em nada. Delegado Moura não se dava bem com o menino, não acho que ele deu muita bola. Quem tentou ajudar foi- foi Carlos, botou a notícia no jornal e tudo.

Ao mesmo tempo que Tibúrcio fala sobre Carlos, há um pico rápido de ESTÁTICA no fundo, mas rapidamente diminui para o volume normal.

TIBÚRCIO
(CONT'D)

Mas não deu nem mês e Dona Zuleica também sumiu, e foi aí que o povo começou a falar mesmo. E depois disso mais gente começou a desaparecer, na cidade inteira. E de uma hora pra outra eu mal tinha cliente. Ninguém mais queria sair de casa, todo mundo com medo né. Até Padre Pátimos tava todo desconfiado, a missa ficando sem gente. Foi por aí que começou a ficar pesado no fim do mês, as conta sem parar de vir e o bolso cada vez vazio. E o pior é que tava todo mundo em crise, complicou tudo muito rápido, não tinha pra onde correr.

(pausa)

Foi aí que eu fui atrás do Prefeito. Todo mundo sabe que Seu Abelardo tem dinheiro, a família dele já foi dona de quase tudo por essas bandas.

(CONTINUED)

1 CONT'D: (4)

1

E ele sempre foi tão prestativo, não ia me custar pedir ajuda, eu num sabia mais o que fazer mesmo. Mas ele disse que não podia fazer nada por mim.

Tibúrcio deixa a voz mais grave e eloquente, em uma tentativa de imitar Abelardo Pérغامo.

TIBÚRCIO
(CONT'D)

"Você sabe que tenho muito apreço por você, Tibúrcio, mas infelizmente não tenho como fazer nada. Tempos difíceis, entende?" Eu fiz que sim, agradei, já saindo. Quando eu já tava com o pé na porta ele foi e disse assim: "Mas, Tibúrcio... um amigo meu pode resolver seu problema. Ele vai falar com você hoje". Assim mesminho. Padre, eu não entendi o que Seu Abelardo quis dizer, achava que ele tava só me enrolando. Aí eu me abusei, saí sem nem me despedir.

(pausa)

Voltei pra mercearia todo chocho. O dia todo sem um cliente, do jeito que a coisa andava daqui a pouco eu ia ter que fechar minhas portas, num sabia o que ia ser de mim. Lá pras tantas da noite, quando eu já tava pra pegar o beco e encerrar aquele dia, eu tomei foi um susto. Num tinha escutado ninguém entrando, mas quando me dei conta o cabra tava já tava bem na minha frente.

Tibúrcio pausa, respirando fundo. Quando ele volta a falar, sua voz está mais baixa, tensa. A ESTÁTICA do fundo vai ficando gradativamente mais forte enquanto ele narra.

(CONTINUED)

1 CONT'D: (5)

1

TIBÚRCIO Padre, eu nunca senti o que eu senti quando olhei
(CONT'D) praquele Homem da primeira vez. Ele num era nem
alto nem baixo, mas só de olhar eu sabia que
aquele Homem era gente importante. Tava sorrindo,
parecia mais uma suçuarana arreganhando os dentes
prum burrego antes de atacar.
Era como se eu tivesse vendo bicho, mas era gente.
Nunca senti tanto medo na vida, o sangue gelando
nas veia, o coração pesado, os ouvido apitando, eu
achava que ia morrer ali mesmo, cair duro e fim da
história. Ele abriu a boca-

A ESTÁTICA para abruptamente.

TIBÚRCIO E começou a falar. O mal-estar passou. Eu ainda
(CONT'D) sabia que o Homem era casca grossa, mas não achava
mais que eu ia morrer de supetão. Antes eu
tivesse.

MANOEL Tibúrcio, não pense dessa forma. Não podemos mudar
o passado, mas podemos fazer melhor no futuro, e
seus erros não definem quem você é. O que podemos
fazer é refletir sob a luz do arrependimento
verdadeiro e o perdão divino.

TIBÚRCIO Eu sei, padre, eu sei. É que eu penso tanto nisso,
sabe, se eu não tivesse parado pra escutar aquele
Homem desgraçado... Mas eu não tinha como saber,
não tinha como.

(CONTINUED)

1 CONT'D: (6)

1

MANOEL Saber o quê, Tibúrcio? O que foi que o homem falou?

TIBÚRCIO Ele disse... ele disse que sabia do meu problema. E que podia resolver. E saiu prometendo mais coisa, parecia até seu Abelardo em ano de campanha. Disse que a mercearia ia ser o maior sucesso da cidade, não ia faltar mais cliente, eu não ia mais me preocupar com conta, dinheiro não ia ser problema. Mas eu não nasci ontem, tudo tem seu preço. E eu perguntei pro Homem qual era o dele.

SFX: _____ VOZES ININTELIGÍVEIS

A ESTÁTICA volta a aumentar.

TIBÚRCIO Padre, o senhor lembra que eu lhe falei de Carlos
(CONT'D) agora há pouco? Que publicou sobre o sumiço do filho de dona Zuleica.

MANOEL Sim.

TIBÚRCIO A gente é amigo desde pirrainha. A gente num tinha família, sabe, crescemo junto. Ele foi estudar na capital por uns anos, mas voltou porque desde sempre queria um jornal aqui da cidade. E dito e feito, o "Diário de Esmirna" foi criação dele.

(CONTINUED)

Fazia quase tudo sozinho, escrevia, pesquisava, ralava duro pra saírem as edições tinindo. Era o orgulho dele. A gente abriu quase ao mesmo tempo, a mercearia dum lado, o jornal do outro, os dois compadre.

(pausa)

E o Homem... disse que eu tinha que me livrar de Carlos. Eu perguntei a razão, mas ele só disse que ele era fuxiqueiro, tava enfiando o nariz onde não era chamado, fazendo o que não devia. Padre, Carlos era homem bom, mas comprava briga, viu, Deus que me perdoe. Umas coisa de jornalista, num entendo não. Ele ia atrás das coisas toda, e eu acho que tinha gente que não gostava né. Delegado Moura mesmo uma vez quase saiu no braço com ele, Carlos foi pra cima também e eu que tive que apartar. Mas eu achava que ele tava se aprumando, tava vindo mais pra missa e tudo. Aí eu nem respondi nada pro Homem, eu não ia atacar meu amigo, nem se eu quisesse eu conseguia.

(pausa)

Mas aí, o Homem continuou, dizendo que eu não precisava ser "dramático", era só eu "apagar" Carlos que ele tinha gente pra "terminar o serviço". Eu não queria aceitar, padre, mas aí ele chegou e disse assim, mais baixinho: "*Se você não fizer, alguém vai.*" E eu sabia que ele tava falando a verdade, eu não tinha pra onde correr.

(CONTINUED)

A voz dele continuava na minha cabeça me atazanando, repetindo isso sem parar, que de um jeito ou de outro, Carlos ia morrer. Eu já tava ficando doido, padre, vendo umas coisas horríveis. Gente morta, sangrando, um monte de grito... e foi aí que eu comecei a pensar... que se Carlos tava mesmo pra morrer, se eu ajudasse, ele num precisava morrer sofrendo. E desse jeito, eu pelo menos... eu pelo menos salvava a Mercearia também. Eu aceitei.

(pausa)

Na outra noite, eu chamei Carlos pra beber lá na Mercearia, mas eu botei um negócio na dose dele. Um remédio pra dormir, em dois tempo ele já tava apagado. Eu não sei quanto tempo eu passei ali parado, do lado dele, só encarando o pobre do Carlos. Eu não sabia o que fazer. Sei que alguma hora Moura chegou, dizendo que veio buscar a "encomenda". Ele pegou o corpo e sumiu na noite, e eu só lá, nem falei nada, num me despedi. Eu nunca mais vi Carlos.

(respira fundo)

O povo voltou a frequentar a Mercearia. Na primeira semana, ninguém tava vindo de noite, mas ao menos eu voltei a ter cliente, já tava ótimo. Na segunda semana de noite começou a aparecer... gente, também, enchendo a Mercearia. Mas não é gente daqui da cidade não, nunca tinha visto nenhum deles.

(CONTINUED)

Tudo calado, não abrem a boca pra falar um pio. Chegam, apontam pra bebida, sentam, bebem e vão embora. E nunca aparecem de novo. No dia seguinte é a mesma coisa, um bando novo de desconhecido mudo. Eles não fazem nada, não brigam, não bagunçam. Mas padre, toda vez que eu olho pra esses bando de estranho eu sinto um aperto no peito, um frio descendo a espinha. Parece até o negócio que eu senti quando vi o Homem da primeira vez, não tão forte, mas parece.

(funga)

Num tô mais com problema de dinheiro, mas também num durmo mais. Padre, depois que Carlos sumiu, o prédio do jornal começou a se despedaçar todo. Parece que tá ali sem ninguém cuidando tem uns cem anos, mas mal fez um. Quem é que me explica isso? O pior é que ninguém fala sobre nada mais. Ninguém vem ver os cliente estranho lá da Mercearia, ninguém comenta os sumiços, todo mundo tem medo de ser o próximo. Já foi tanta gente, padre. Mas seu Abelardo e Delegado Moura só ficam nessa de que tá tudo bem, não tem crime aqui, nada demais tá acontecendo. Mas eu sei que tá acontecendo alguma coisa, eu sou culpado também.

Há uma pausa mais longa, em que os dois ficam em silêncio.

MANOEL

Você se arrepende de suas ações, Tibúrcio?

(CONTINUED)

1 CONT'D: (10)

1

TIBÚRCIO Sim, padre, todos os dias. Eu daria de tudo pra não ter feito aquilo, pra ter avisado Carlos, pra ter rumado pra longe dessa cidade condenada e tocado minha vida dum outro jeito. Mas eu num posso, não mais.

Tibúrcio começa a chorar copiosamente.

MANOEL Você sabe mais alguma coisa sobre esse homem que lhe visitou?

TIBÚRCIO (*ainda chorando*)
Não, nada, padre. Não sei nem mais lhe dizer como era a cara do Homem. E eu tenho medo demais pra perguntar mais coisa pra o delegado ou pro prefeito.

Mais uma pausa. Manoel respira fundo. A ESTÁTICA finalmente diminui.

MANOEL Tibúrcio... eu te absolvo dos teus pecados, em nome do pai, do Filho e do Espírito Santo.

TIBÚRCIO Amém.

MANOEL Procure a família desses desaparecidos, use esse dinheiro que você recebeu pra ajudar quem está precisando, principalmente esses que estão sofrendo tanto com as perdas. Você disse que Carlos não tinha família, então cabe a você honrar sua memória.

(CONTINUED)

1 CONT'D: (11)

1

Compre uma lápide para ele no cemitério, e reze o Santo Rosário todos os dias em sua lembrança, para que sua alma encontre paz.

TIBÚRCIO Obrigado, padre, muito obrigado. Vou fazer isso.

MANOEL Vai em paz e não volte a pecar.

TIBÚRCIO Amém. Deus te abençoe, Padre Manoel.

SFX: PASSOS

Escutamos os passos de Tibúrcio se afastando cada vez mais do confessionário. Manoel começa a falar baixo.

MANOEL Matriz de Esmirna, 30 de novembro de 1973, quinze pras cinco da tarde. Padre Manoel Ferreira gravando.

Bem.

(suspiro)

Eu não sabia muito bem o que esperar do relato de Tibúrcio, mas foi mais preocupante do que eu pensava. Tem muita coisa que foi dita que vou precisar analisar-

SFX: BATIDAS, PORTA

Batidas soam na porta do confessionário. Escutamos Manoel se levantando, abrindo e fechando a porta novamente enquanto fala.

(CONTINUED)

1 CONT'D: (12)

1

MANOEL (CONT'D) Opa, Tibúrcio, precisa de mais alguma- Delegado?

Eu, hm- posso ajudar?

Mais abafado, do lado de fora do confessionário, escutamos, além da voz de Manoel, a do DELEGADO MOURA (homem, 42 anos).

DELEGADO MOURA Padre Manoel. Vi Tibúrcio saindo agora da igreja, me deu uma ideia, né. Vim me confessar.

2 INT/EXT. NÃO-LUGAR

2

A VOZ #2 é similar a VOZ #1: também ecoa e é duplicada, como se mais de uma pessoa estivesse falando a mesma coisa em uníssono. As palavras saem com dificuldade. Há estática ao fundo.

VOZ #2

Mas. Valeu. A. Pena?

FIM DA GRAVAÇÃO

O SOM DO TROVÃO

escrito por

Victória Cardoso

EP. 3

O QUE ELE ABRE,
NINGUÉM PODE FECHAR

1 INT. MATRIZ DE ESMIRNA: CONFESSIONÁRIO - TARDE

1

SFX: BATIDAS, PORTA

O episódio começa na última cena com Manoel: batidas soando na porta do confessionário. Escutamos Manoel se levantando, abrindo e fechando a porta novamente enquanto fala.

MANOEL Opa, Tibúrcio, precisa de mais alguma- Delegado?
Eu, hm- posso ajudar?

Mais abafado, do lado de fora do confessionário, escutamos, além da voz de Manoel, a do DELEGADO MOURA (homem, 42 anos). Sua voz é grave e pausada.

DELEGADO MOURA Padre Manoel. Vi Tibúrcio saindo agora da igreja, me deu uma ideia, né. Vim me confessar.

Há uma breve pausa. Quando Manoel volta a falar, ele soa nervoso, atropelando um pouco as palavras.

MANOEL Ah, sim- Bem, é... Infelizmente eu-
(limpa a garganta)
Eu não posso atendê-lo hoje, Delegado.

DELEGADO MOURA Posso saber por quê? Achava que o senhor tava fazendo isso hoje, não era? Não tá podendo tirar uns minutinhos do seu tempo pra mim também não?

MANOEL Não é questão com o senhor, Delegado, é que os horários para confissão hoje já terminaram.

(CONTINUED)

1 CONT'D:

1

Eu ainda preciso aprontar as coisas para a missa de hoje, e o fim de semana vai ser terrivelmente atribulado. Este domingo será a celebração do início do Advento, e, como o senhor deve saber, ainda não tenho ninguém para ajudar na paróquia.

Pausa. O silêncio entre os dois é tenso. O Delegado volta a falar após alguns instantes, tom de voz descontente.

DELEGADO MOURA Hum. Certo. Posso saber que dia você vai estar menos... *atribulado?*

MANOEL Bem, eu deixei no quadro de aviso os horários-

DELEGADO MOURA Diga o dia e a hora, padre.

MANOEL Ah, sim. Hm- na, na próxima sexta, de hoje a oito. Pela parte da tarde.

DELEGADO MOURA Às duas em ponto vou estar aqui. Boa sorte com seus afazeres, padre.

MANOEL Obrigado. Boa tarde, delegado.

SFX: _____ PASSOS, PORTA

O Delegado não responde. Os passos dele vão se afastando até não serem mais escutados. A porta do confessionário é aberta e a gravação é encerrada.

2 INT. MATRIZ DE ESMIRNA: APOSENTOS - NOITE

2

O "CLICK" marca o início da gravação.

MANOEL

Matriz de Esmirna, 30 de novembro de 1973, nove e vinte da noite. Padre Manoel Ferreira gravando. Esse dia foi... mais estressante do que eu pensava, com toda certeza. Definitivamente não esperava pela aparição de Moura aqui. Essa foi a primeira vez que o vi pisando dentro da igreja desde que cheguei nessa cidade.

Isso não é um problema por si só, e em um dia qualquer, eu teria estranhado, porém seguido em frente. Mas a antipatia constante do Delegado com minha pessoa acompanhada por essa vontade repentina de se confessar, logo após Tibúrcio ter estado aqui... desconfio que seu objetivo não seja exatamente a absolvição divina.

Não significa que eu não irei escutá-lo, mas antes preciso de um tempo para me organizar. Tibúrcio falou muitas coisas durante sua confissão, peças novas no quebra-cabeça que essa cidade se tornou.

Manoel pausa por alguns instantes. Quando ele volta a falar, sua voz está um pouco mais baixa do que antes.

MANOEL (CONT'D) Espero que eu tenha feito o certo, absolvendo Tibúrcio. A realidade é que não tenho muita experiência prévia como padre confessional, muito menos com coisas *assim*.

(CONTINUED)

Estava mais acostumado com coisas do tipo...
brigas frívolas, adultério, inveja. O que ele fez
foi...

(respira fundo)

Não importa. Sua confissão realmente me pareceu
vir de um lugar verdadeiro de arrependimento, sua
angústia e tormento também eram sinceros. Agora
cabe a ele cumprir sua penitência, e ao Senhor
julgá-lo quando for a hora.

(pausa)

Acredito que todas as pessoas que João Pátimos
listou no livro caixa da igreja estão
desaparecidas. Dei uma olhada hoje mais cedo, e
Ângelo Souza e Zuleica Souza são, de fato, os
primeiros dois nomes na lista de Pátimos. Ainda
preciso verificar as outras pessoas citadas, mas
acho que estou correto. E se eu estiver... não sei
o que fazer.

(suspiro frustrado)

Não posso exatamente *recorrer às autoridades*
daqui. Mesmo se eu estivesse em outro lugar, a
polícia não é melhor opção para pedir ajuda em
encontrar desaparecidos. Talvez se Francisco-

Manoel se interrompe e pausa para respirar.

SFX: _____ VOZES ININTELIGÍVEIS, SUSSURROS

(CONTINUED)

2 CONT'D: (2)

2

MANOEL (CONT'D) Moura tinha algum tipo de rixa com ao menos dois na lista de Pátimos: Carlos Silva e Ângelo Souza, e esteve diretamente envolvido no desaparecimento desse primeiro. O prefeito também tem algum grau de associação com o homem desconhecido que deu a Tibúrcio a missão de... "apagar" Carlos. Suponho que também foi ele que enviou o delegado até a mercearia naquela noite.

Afinal, *quem é esse tal homem?* Qual o interesse nele em tudo isso, qual é a relação dele com Moura e Pérgamo? É ele que está por trás de todos os desaparecimentos daqui da cidade, incluindo o de Padre Pátimos? E se sim... por quê? Quais suas intenções? Pra quem ele trabalha?

(pausa, respira fundo)

Bem. Não adianta de nada eu ficar aqui fazendo teorias grandiosas sem ter nenhuma prova pra elas. É melhor eu entender primeiro o que está acontecendo antes de pensar como devo proceder. Senhor, me ajude a encontrar os caminhos que preciso seguir, ilumina a estrada pela frente. Ainda há tanto a se fazer.

(suspiro)

Está ficando tarde. Os próximos dias serão, de fato, muito cheios, não menti para o delegado. A comemoração de chegada do advento e o tanto que preciso arrumar na igreja...

(CONTINUED)

2 CONT'D: (3)

2

tem ainda a mensagem na parede do altar que eu não reboquei toda, vou ter que arranjar algum jeito melhor de cobrir aquilo. Eu tinha posto um lençol na área, disse que era uma infiltração, mas está estranho.

De qualquer forma, é um problema para amanhã.

3 INT. MATRIZ DE ESMIRNA: APOSENTOS - TARDE

3

MANOEL

Matriz de Esmirna, 3 de dezembro de 1973, três e vinte e cinco da tarde. Padre Manoel Ferreira gravando.

A missa de ontem teve menos gente do que o normal. Sexta também, mas quando faço missas durante a semana eu nunca espero muita gente. Ainda assim, todas as últimas celebrações de domingo estavam tendo uma adesão mais do que considerável, e eu esperava algo parecido, ainda mais para um dia de celebração.

O jeito que o povo vem me tratando também mudou. Quase ninguém veio falar comigo depois da missa, e hoje, caminhando na praça, vi umas pessoas desviando o olhar, talvez com medo? Outros estavam parecendo até o delegado, com antipatia bem clara estampada.

Me pergunto se isso tem algo a ver com minha conversa com Tibúrcio, ou a visita do delegado à igreja. Não duvido mais de nada por aqui.

(respira fundo)

(CONTINUED)

Fui atrás de alguns dos nomes na lista de Pátimos. Não consegui conferir todos ainda, mas o que vi até agora foi suficiente para confirmar minha teoria de que aqueles são, sim, os desaparecidos de Esmirna. Eu acabei encontrando muitas casas vazias. Todas em perfeito estado, como no resto da cidade, mas sem ninguém. Nos endereços que ainda pareciam ter pessoas vivendo, ninguém pareceu interessado em me receber. Não os culpo.

Essa quantidade enorme de desaparecidos e a única coisa que as autoridades parecem estar fazendo é abafar os casos. Não é exatamente uma surpresa. Enquanto eu atravessava a cidade, notei vários restos de cartazes colados nas paredes. A grande maioria estava destruída demais para saber o que tinha neles, todos rasgados ou pintados por cima, mas depois de um tempo procurando, consegui encontrar um com informações ainda legíveis. O nome no cartaz era o de João Pátimos. A foto estava rasgada, mas embaixo do nome havia algo: "Última vez avistado na Casa de Enfermos Santo Antônio. Se souber de novas informações de seu paradeiro, ligar para...", com um número de telefone logo em seguida.

É pouca coisa, mas também é a primeira vez que vejo algo aqui na cidade mencionando Pátimos, então fui investigar. Tentei ligar para o número assim que voltei, mas a linha só soa com estática.

(CONTINUED)

3 CONT'D: (2)

3

Também não consegui encontrar a Casa de Enfermos em lugar nenhum, mas ainda preciso procurar melhor. Esmirna não é muito grande, mas além do centro as ruas se tornam um labirinto, fica difícil de se orientar. O pior é que eu nem sei se esse lugar é aqui em Esmirna mesmo, e duvido que alguém vá saber me dizer. Do jeito que as coisas vão, é capaz de que mesmo que soubessem, não iam me responder.

VOZ #3

Siga. O. Padre. Do. Ouro.

Com muita ESTÁTICA no fundo, a VOZ #3 responde Manoel, porém ele não escuta: a voz é captada apenas pelo gravador. Manoel continua como se nada tivesse acontecido.

MANOEL

(suspiro)

Hoje completou um mês desde que eu cheguei na cidade. É tão pouco, mas tudo parece completamente diferente de quando eu pisei os pés aqui da primeira vez. Talvez toda essa situação esteja me deixando paranoico, não sei. É só... difícil de ignorar. Vou ficar de olho ao longo dessa semana agora, na missa, também, pra ver se essas coisas continuam.

4 INT. MATRIZ DE ESMIRNA: APOSENTOS - NOITE

4

"CLICK". Manoel fala mais rápido do que o usual, soando um pouco nervoso.

(CONTINUED)

4 CONT'D:

4

MANOEL

Matriz de Esmirna, 5 de novembro de 1973, são... dez e... quarenta da noite. Manoel- Padre Manoel Ferreira gravando.

Fui na Mercearia Filadélfia hoje à noite. Eu já estava querendo ir ver os "clientes desconhecidos" de Tibúrcio desde que ele falou deles na confissão, mas só hoje consegui.

Era verdade. Quero dizer, eu acreditei no que ele disse, a confissão realmente me pareceu genuína, mas uma coisa é escutar sobre aquilo, outra bem diferente é chegar na mercearia no meio da noite e se deparar com... eu não sei.

Não sei explicar o que era aquilo.

Senhor, eu nunca senti algo parecido, uma inquietação e desconforto daquele tamanho sem absolutamente *nenhuma* razão específica. Os visitantes noturnos não- não se pareciam... com *nada*.

(*pausa*)

Um deles me encarou, e eu só vi o vazio. Nenhum sentimento, só... ausência. E agora que eu paro pra pensar... não consigo dizer como era o rosto daquela pessoa. Ele me encarou, e eu encarei de volta, mas não consigo encontrar uma palavra pra poder descrever. A mercearia estava lotada, mas não consigo lembrar de um rosto sequer. Nenhum barulho soava, ninguém abriu a boca. Até os passos eram silenciosos. Estava repleto de gente, mas completamente deserto.

(CONTINUED)

Tibúrcio estava lá, atendendo o balcão, mas... não realmente. Os olhos dele tinham aquele mesmo olhar vazio dos outros, e ele não me respondeu quando chamei. Não acho nem que ele chegou a perceber que eu estava lá. Será que ele fica assim toda noite, desde que isso começou?

Pode ter evoluído com o tempo também, eu suponho, e nem mesmo ele notou? Essa situação acontece há pelo menos um ano, e ter que atender esse... grupo tenebroso, todos os dias... não consigo imaginar como deve ser isso. Vou tentar falar com Tibúrcio de novo amanhã, ver se está tudo bem... na medida do possível. Por enquanto, minhas preces estão com ele.

Outra coisa. Quando eu estava saindo da mercearia, me deparei com ninguém menos que o Delegado Moura.

(risada sem humor)

E quem mais seria. Ele estava encarando a mercearia também, mas não parecia surpreso com a situação. Quando olhei pra ele, posso jurar que vi ele *sorrindo*. Ainda me cumprimentou, algo que nunca tinha acontecido antes. Disse que estava "ansioso para sexta-feira".

(suspiro frustrado)

Ele deve saber de algo sobre o que está acontecendo de verdade na mercearia, nessa cidade.

(CONTINUED)

Queria que meu julgamento estivesse errado, que fosse apenas paranoia, mas não tem como ser coincidência o envolvimento dele em tantas coisas estranhas, em crimes, até. O que me leva a mais uma questão: o que ele quer comigo?

Não sei se quero essa resposta. Não vou mentir que estou temeroso pelo que vem pela frente, mas não posso deixar que isso me pare. É a rota que devo seguir. Que o Senhor me proteja nessa jornada.

Manoel pausa. Escutamos ele respirando fundo e o som de seus dedos batucando de forma nervosa na madeira da escrivaninha.

MANOEL (CONT'D) Eu também continuo desconfortável com a ideia de gravar no confessionário. Vai contra tantas coisas que eu aprendi, do que era falado e repetido... Mas não, não posso ficar pensando assim ou não conseguirei ir até o fim dessa história. Já ficou bem claro que tudo nessa situação vai mais além de qualquer tradição da igreja que me foi ensinada. Mesmo não me parecendo correto, preciso lembrar da mensagem: "Há um caminho que ao homem parece direito, mas o fim dele conduz à morte". Não me vale continuar achando que o caminho é o que é claro e simples - fingir que nada fora do normal está acontecendo, ignorar os problemas e só seguir com a rotina.

(CONTINUED)

4 CONT'D: (4)

4

Não sei o que pode acontecer durante a confissão do delegado, mas o fato de estar sendo gravada pode trazer à tona coisas inesperadas, talvez captar aquelas interferências de antes, algo novo, não sei.

(respira fundo)

A confissão de Tibúrcio respondeu algumas perguntas, mas criou muitas outras.

Preciso escutar as gravações dos últimos dias, verificar se perdi alguma coisa. Acho melhor saber o máximo possível antes de sexta-feira.

5 INT./EXT. NÃO-LUGAR

5

A VOZ #3 segue o padrão das anteriores: ecoa e é duplicada, palavras saindo com dificuldade com muita estática no fundo.

VOZ #3

Os. Caminhos. Que. Nos. Foram. Traçados.

6 EXT. ARREDORES DE ESMIRNA - MANHÃ

6

SFX: _____ VENTO, PASSOS NA TERRA, FARFALHAR DE ROUPAS

MANOEL

Eu não coloquei esse gravador no meu bolso. Tenho certeza que guardei ele no lugar de sempre, na minha mesa de cabeceira. Mas, bem. Já que estamos aqui.

(risada rápida)

Arredores de Esmirna, 6 de dezembro de 1973, nove e vinte da manhã. Padre Manoel Ferreira gravando.

(CONTINUED)

Manoel soa ligeiramente ofegante e menos formal.
Ele está caminhando enquanto grava, e praticamente
não há estática no fundo.

MANOEL (CONT'D) Escutei as fitas de novo ontem de noite. Dessa vez tinha algo além dos sussurros, estática e não sei o quê mais.

(pausa)

Algo, alguém, respondeu? Quando eu não sabia onde era a Casa de Enfermos. Disseram que era para eu "seguir o Padre do Ouro".

(respira)

Eu não entendi muito bem quando ouvi isso, mas de madrugada me veio uma história que comentavam no seminário, de um português que chamavam de Padre do Ouro. Pra falar a verdade, eu não lembro de muita coisa, acho que não tinham muitos registros dele? O que importa é: ele veio pra Pernambuco no fim do século XVI, fazia umas expedições pelo São Francisco.

(risada rápida)

E Esmirna não é longe do São Francisco! Acho que uns quinze, vinte quilômetros? Então, bem. É pouco, muito pouco, e eu talvez esteja forçando a barra decidindo ir atrás disso, mas eu não tenho nenhuma outra pista pra seguir. A esse ponto, não custa tentar, e eu tenho um dia inteiro ainda. Estou caminhando há umas...

(pausa)

(CONTINUED)

6 CONT'D: (2)

6

Duas horas? Quase três, e espero estar na direção cert-

Escutamos Manoel topando em algo e caindo. O gravador voa para fora de seu bolso.

SFX: _____ GRAVADOR CAINDO NO CHÃO

MANOEL (CONT'D) Raios-

Um pouco afastado, escutamos Manoel dando tapinhas em sua roupa. Ele tateia o chão até chegar no gravador, e dá alguns toques no microfone.

MANOEL (CONT'D) Alô, alô... acho que está pegando.

(suspiro aliviado)
Obrigado, Senhor.

(pausa)
Mas o que essa pedr-

Manoel arfa. Escutamos Manoel se arrastando no chão. A ESTÁTICA volta com força.

MANOEL (CONT'D) Isso- isso não-...

(respira)
Isso é uma- é uma, caveira. São- tem, tem dezenas de, de ossadas aqui... Meu Deus.

Manoel respira rápido. VOZES e SUSSURROS surgem na gravação. Dessa vez, são vozes compreensíveis, mas entrecortadas, e é possível distinguir algumas palavras.

VOZ MASCULINA 1 Não, não, por favor-

VOZ FEMININA 1 Eu não sei-

(CONTINUED)

6 CONT'D: (3)

6

VOZ FEMININA 2 Não vou-

VOZ MASCULINA 2 O que-

SFX: _____ SOCOS, ESTRONDOS

Diversos GRITOS surgem, um coral de súplicas, o conjunto de sons desordenados aumentando de volume até pararem de repente.

Uma pausa. As VOZES falam, com dificuldade, mas em uníssono.

VOZES ROGAI. POR. NÓS.

FIM DA GRAVAÇÃO

O SOM DO TROVÃO

escrito por

Victória Cardoso

EP. 4

QUEM PODE

GUERRAR CONTRA ELE?

1 INT. MATRIZ DE ESMIRNA: APOSENTOS - TARDE

1

"CLICK". A voz de Manoel é trêmula e nervosa. Ele está abalado. A estática ao fundo da gravação tem um volume baixo, mas constante.

MANOEL

São... quatro da tarde. Acabei me perdendo na volta, e eu não procurei mais a Casa depois que eu encontrei... que-

(respirando rápido)

Só estavam lá, despontando do chão... sem nome, abandonadas, e eram tantas, tantas-

(pausa, respira fundo)

Eu não... eu não vou conseguir falar sobre isso agora, tenho que me ajeitar pra amanhã e... não agora. Eu preciso, preciso pensar no que fazer, rezar por aquelas almas-

A VOZ #3 fala, com um pico de ESTÁTICA, que diminui logo depois. A voz é captada apenas pela gravação.

VOZ #3

Aquele. É. O. Caminho.

MANOEL

Preciso pensar.

A gravação é encerrada.

2 INT. MATRIZ DE ESMIRNA: CONFESSIONÁRIO - TARDE

2

SFX: _____ PASSOS, PORTA

(CONTINUED)

2 CONT'D:

2

Escutamos os passos afastados de duas pessoas se aproximando: são Manoel e o Delegado Moura. Manoel entra no confessionário e fecha a porta.

MANOEL Em nome do Pai, do Filho-

DELEGADO MOURA Pode ir dispensando essas formalidades, padre. Não é assim que funcionam as coisas comigo, não.

MANOEL Delegado, uma con-

DELEGADO MOURA Eu não sou homem complicado, padre Manoel. Comigo as coisas são fáceis de entender, preto no branco, assim que é o certo. Enrolação e lenga lenga é coisa de quem tem porcaria pra esconder. Então, vou logo adiantando que minha fé não tá com esse seu "Deus", não.

Pausa. Manoel limpa a garganta.

MANOEL Se o senhor não acredita em Nosso Senhor, o que-

DELEGADO MOURA O que é que eu vim fazer aqui?

(risada)

Eu vim ter uma conversa com você, padre. Eu já queria ter vindo, cê sabe, tava passando da hora da gente trocar uma palavrinha. Mas, por conta dos seus... compromissos, não é? Tivemo que adiar. Mas tamo aqui agora.

Quando vi Tibúrcio vindo se...

(CONTINUED)

confessar, semana passada foi que me veio, um confessorário é um canto bom pra gente ter uma prosa sincera, né padre? "Sob os olhos do Pai" e essas coisas toda. Aproveitar e dar uma olhada em como tá a igreja, desde que Pátimos tava aqui que não faço uma visita.

Moura dá uma pausa rápida. Ele volta a falar em um tom mais baixo, sério, e vai se exaltando ao longo de seu relato.

DELEGADO O que eu acredito mesmo, sabe, padre Manoel, é na
 MOURA (CONT'D) lei, na ordem. A gente sabe o que é certo, não tem mistério, não tem invenção, e tá escrito e anunciado pra quem quiser ver. E é pra isso que eu trabalho todo dia, pra manter a tranquilidade desse povo, a segurança.

O problema é que tem uma gente que não entende, num sabe apreciar o valor desse, desse sossego! Gente que vive de reclamar, de ficar de mimimi prum lado e pro outro, só quer chamar a atenção e perturbar a paz dos outros, mas fazer coisa que é bom? Não faz.

(murmúrio)

Bando de desgraça.

(respira fundo)

Comigo não é assim não. Se precisar eu vou até o fim pra garantir que as coisas fiquem nos conformes, tudo organizado tintim por tintim.

(CONTINUED)

Não escuto um *ai*, num tem um miserável que sobre no meu caminho.

É por isso que eu me dou com o prefeito, sabe, padre. Seu Abelardo entende o que precisa ser feito, os... *sacrifícios* que a gente precisa pra o, o bem maior. Pra gente deixar a ordem bem estabelecida, bem firmada.

SFX: _____ VOZES ININTELIGÍVEIS

DELEGADO Olhe, seu Abelardo é uma bênção pra essa cidade,
MOURA (CONT'D) viu, um dos melhores que já andou por aqui. Se não fosse por ele, Esmirna ia ser só mais um fim de mundo esculhambado, esquecido em dois tempos. É só ver esses muquifo aqui perto que o povo chama de cidade.

Moura dá uma risada sarcástica e continua a falar, assumindo um tom orgulhoso.

DELEGADO Não, aqui não. E eu faço mesmo minha parte, viu! O
MOURA (CONT'D) tanto que Esmirna tá melhorando nesses últimos tempos, dei muito duro pra chegar onde a gente tá. Esses dias cê não vê uma reclamação sequer, tudo nos trinquês.

(suspiro)

Mas num vou dizer que foi fácil, não, a gente não tem muita ajuda por aqui. Só ver o tanto de comuna que eu tive que prender e me livrar por essas bandas de cá.

(CONTINUED)

E ainda tem gente que pensa que por aqui não tem perigo. Apois. Um monte de merdinha transgressor, sem rumo e querendo inventar moda. Esses vagabundos num mancham mais as ruas de ninguém.

SFX: VOZES ININTELIGÍVEIS, SUSSURROS

O delegado finalmente pausa, e o silêncio é tenso. Manoel volta a falar, a voz baixa.

MANOEL Você não... você não sente nenhum... remorso? Por suas ações?

DELEGADO MOURA Remorso pelo quê? Eu num descumpri nenhuma lei. Muito pelo contrário. Você num tem os teus dez mandamentos? Tudo que eu fiz foi seguir os meus.

(pausa)

E que pergunta é essa, hein, padre? Tá defendendo os vermelhos, é?

MANOEL Não cabe a mim julgar alma nenhuma, delegado. Essa tarefa se refere somente ao nosso Pai.

DELEGADO MOURA Hum.

(pausa)

Me diga uma coisa. Você acredita mesmo nisso que tá falando ou isso tudo é só um teatrinho pra proteger o teu irmão?

Manoel não responde. Moura continua, tom afrontoso e intimidador.

(CONTINUED)

2 CONT'D: (5)

2

DELEGADO Padre, você acha que porque Esmirna é cidade
MOURA (CONT'D) pequena as pessoas não tem informação?

(risada sarcástica)

Pois eu sei de seu irmãozinho comuna, padre Manoel. "Chico Ferreira", hein? Terrorista procurado. Cê não tem vergonha não? De ficar pregando a "paz e a bondade" aqui nas missas quando teu irmão bandido tá por aí matando gente de bem solto no mundo?

SFX: VOZES ININTELIGÍVEIS, SUSSURROS

A ESTÁTICA fica mais forte.

MANOEL Não sou responsável pelas ações do meu irmão. E além do mais, Francisco não-

Moura interrompe Manoel novamente, completamente sério.

DELEGADO MOURA Escute o que eu vou te dizer: eu não ligo se tu é padre ou o próprio papa. Ninguém vai me impedir de fazer o que eu preciso se eu acabar descobrindo que tu tás ajudando comuna.

MANOEL *(respira fundo)*
Carlos Silva era comunista, delegado?

Pela primeira vez, Manoel cala Moura. Há uma longa pausa. Quando Moura responde, seu tom é bem mais grave e ameaçador do que antes.

(CONTINUED)

2 CONT'D: (6)

2

DELEGADO MOURA *Carlos Silva* era um enxerido miserável que não sabia ficar de bico fechado e achava que por isso podia se chamar de "jornalista".

(respira)

Tudo que aquele sem vergonha sabia fazer era ficar procurando pelo em ovo, caluniar quem tá dando tudo pra o bem dessa cidade. Ele publicava qualquer fuxico naquele jornalzinho de quinta categoria, só pra ver o circo pegar fogo. E como num bastasse, inventou de vir futucar coisa com o padre, atiçando as loucuras do velho. Só fazia se meter onde não era chamado.

VOZ #2 Queima. De. Arquivo.

A VOZ #2 é captada apenas pela gravação e soa com dificuldade.

DELEGADO MOURA *(respira fundo)*
 Não me admira que ele tenha sumido assim, sem mais nem menos. Deve ter arranjado muita desavença, não é, padre. Não é bom pra ninguém.

SFX: _____ VOZES ININTELIGÍVEIS, SUSSURROS

Pausa. Manoel pergunta, sério, quase uma afirmação: ele não está esperando uma resposta.

MANOEL Então você não tem nada a ver com o desaparecimento dele.

(CONTINUED)

2 CONT'D: (7)

2

DELEGADO MOURA (*seco*)
Claro que não.

MANOEL E não há nenhum suspeito, nenhuma novidade?

DELEGADO MOURA São tempos difíceis. Muita coisa pra fazer, e eu sou um só.

MANOEL E João Pátimos?

DELEGADO MOURA (*risada*)
Olhe, se aparecer alguma notícia de Pátimos tenho certeza que você vai ser o primeiro a ficar sabendo.

MANOEL (*pausa*)
Quem é o homem que conversou com Tibúrcio? Que mandou você levar Carlos Silva?

SFX: _____ MADEIRA RANGENDO

Há mais uma pausa. Moura se levanta do banco do confessionário.

DELEGADO MOURA Posso lhe dar um conselho, padre?

MANOEL (*voz baixa*)
Diga.

A voz de Moura soa mais próxima do microfone, mas o tom é sério e mais baixo, quase um sussurro.

(CONTINUED)

2 CONT'D: (8) 2

DELEGADO MOURA Se você continuar fazendo essas perguntinhas por aí, eu te garanto que cê vai terminar igual ao jornalistazinho e ao padre doido.

SFX: _____ PASSOS

Escutamos os passos de Moura se afastando. À medida que ele se afasta, a ESTÁTICA também diminui de volume.

Manoel respira pesadamente.

A gravação é encerrada.

3 INT./EXT. NÃO-LUGAR 3

Assim como antes, a VOZ #1 ecoa e é duplicada, palavras saindo com dificuldade com muita estática no fundo.

VOZ #1 Mas. Não. Será. Assim.

4 INT. MATRIZ DE ESMIRNA: APOSENTOS - NOITE 4

MANOEL Matriz de Esmirna, 07 de dezembro de 1973, onze da noite. Padre Manoel Ferreira gravando.

(suspiro)

Tem uma semana desde minha última gravação. Era coisa demais para processar. Ainda é, eu só. Preciso continuar.

A situação não mudou muito. Menos pessoas vindo para a missa ou saindo de casa. Mais olhares hostis pela cidade. O delegado continua me encarando de longe, mas agora ele parece estar quase...

(CONTINUED)

se divertindo?

(suspiro frustrado)

Demorei alguns dias, mas finalmente escutei de novo as fitas de quando eu encontrei-

(respira fundo, limpa a garganta)

De quando eu encontrei os ossos. Como se não bastasse o que eu vi na estrada, a gravação- captou algo mais. Diferente das vozes de antes, essas eram claras, quase sem distorção, pareciam... Pareciam momentos reais. Algo que realmente aconteceu. E, considerando onde eu estava quando o gravador captou aquilo tudo, eu não duvido que- não duvido que aquelas eram as pessoas que eu escutei.

(murmúrio)

Pobres almas.

SFX: _____ SUSSURROS

Manoel pausa. Novamente escutamos ele batucando de forma nervosa na madeira da escrivaninha.

MANOEL (CONT'D) A... conversa com Moura serviu para provar de vez que não posso confiar nada disso pras figuras de autoridade. Pelo jeito que o delegado falava dele, o prefeito também está envolvido em todo esse- esse horror que está acontecendo aqui, isso se não é o responsável. Moura é definitivamente parte do quebra-cabeça, mas não é a peça principal.

(CONTINUED)

Ele me parece muito mais alguém que está executando as ideias do que alguém que está planejando.

Continuo sem saber mais sobre o tal homem, mas o jeito que o delegado reagiu quando eu mencionei ele... preciso investigar mais sobre isso.

(respira fundo)

Não acho que lidei da melhor forma com aquela conversa. O jeito que o delegado falava tranquilamente sobre "se livrar" de outras pessoas, o desprezo na voz dele. Não tinha nem um resquício de arrependimento, nenhuma hesitação. Foi... perturbador.

(pausa, voz mais baixa)

Eu não estava esperando que ele soubesse de Francisco, me abalou. Faz anos que a gente não conversa, desde-.

(suspiro)

Não é muita gente que sabe sequer que eu tenho um irmão. O pior é que a última notícia que eu tive dele é a mesma do delegado.

(risada sem humor)

"Terrorista". Não dá pra confiar muito nessa fonte.

(murmúrio)

Senhor, que ele esteja bem.

Pausa. Manoel respira fundo. A ESTÁTICA começa a aumentar de volume quando ele volta a falar.

(CONTINUED)

4 CONT'D: (3)

4

Uma das vozes na gravação com o delegado falou de "queima de arquivo". Será que Carlos Silva descobriu alguma coisa antes de desaparecer, Pátimos também? Algo sobre o homem misterioso, talvez?

Moura mencionou que Carlos e Pátimos tinham começado a investigar algo juntos, suponho que os desaparecimentos. Isso antes de... bem, antes deles desaparecerem, também. Não tenho certeza do que-

Manoel é interrompido pela ESTÁTICA por alguns instantes, antes da gravação se tornar inteligível novamente.

MANOEL (CONT'D) Alô, alô, teste.

(voz baixa)

Será que tá gravando ainda? A fita tá rodando, mas o som começou a-

VOZ #3 Volte. Ao. Caminho.

A ESTÁTICA aumenta de volume, e a VOZ #3 interrompe Manoel. Alguns SUSSURROS soam ao fundo. Dessa vez, Manoel consegue escutar a Voz #3 saindo pelo gravador, e demora alguns instantes para responder. Seu tom é nervoso.

MANOEL Alô? Você... você está me escutando?

VOZ #1 Escutamos.

(CONTINUED)

4 CONT'D: (4)

4

VOZ #2 Dificil. Falar.

MANOEL O que... quem são vocês?

VOZ #1 Inexistidos.

VOZ #2 Apagados.

VOZ #1 Não. Mais. Vivos.

VOZ #2 Mas. Não. mortos.

MANOEL Onde vocês estão?

VOZ #3 Sem. Saída.

Pausa. Ao fundo, escutamos sons de choro. Manoel fala com a voz baixa.

MANOEL O delegado... matou vocês?

VOZ #1 Ele. É parte.

VOZ #2 Não o. Todo.

MANOEL Mas- o que eu...?

VOZ #1 Volte. Ao. Caminho.

VOZ #2 Siga. O. Padre.

(CONTINUED)

4 CONT'D: (5)

4

VOZ #3 Siga. Em frente. Manoel.

As VOZES falam em uníssono.

VOZES *INTERVEI.*

A ESTÁTICA baixa de volume. As vozes e os sussurros somem. É possível escutar apenas a respiração pesada de Manoel.

FIM DA GRAVAÇÃO

O SOM DO TROVÃO

escrito por

Victória Cardoso

EP. 5
MULHER TRAJADA DE SOL

1 EXT. ARREDORES DE ESMIRNA - MANHÃ

1

SFX: VENTO, PASSOS NA TERRA, FARFALHAR DE ROUPAS

"CLICK". Manoel não fala imediatamente. Escutamos sua respiração, passos e os sons do exterior. Ele está novamente caminhando enquanto grava, e praticamente não há estática no fundo.

MANOEL

(respira fundo)

Arredores de Esmirna, 8 de dezembro de 1973, sete e dez da manhã. Padre Manoel Ferreira gravando. Estou de novo a caminho do São Francisco. Indo atrás do "Padre do Ouro". Saí mais cedo do que da última vez, pra ter tempo de procurar bem. Preciso encontrar esse lugar.

Hoje é dia de Nossa Senhora da Conceição, que Ela me ilumine. Espero estar de volta na cidade antes de anoitecer, mas acho improvável que alguém vá para a igreja de qualquer forma. Além do mais, depois de tudo que aconteceu ontem, considero isso mais urgente.

(suspiro)

Não acho que teria voltado para cá se não fosse pelos...

(voz baixa, para si mesmo)

Espíritos? Almas?

(pausa)

Se não fosse pelas vozes falando comigo. Ter escutado elas... ao vivo...

(CONTINUED)

1 CONT'D:

1

Com tudo que vem acontecendo, queria dizer que não foi algo que me surpreendeu, mas não é uma coisa que consegui me acostumar. Nada disso é.

Pausa. Manoel caminha por mais alguns instantes.

MANOEL (CONT'D) Passei pela...

(respira fundo)

Passei pela vala com as ossadas há pouco mais de uma hora. Não sei quantas pessoas estão enterradas ali. É uma cova rasa, por isso que... que alguns dos ossos estavam aparecendo. Fiz algumas orações por eles.

(pausa)

Ninguém merece esse fim. Tudo aquilo que ouvi da primeira vez, todo aquele sofrimento, e tudo que restou está... abandonado. Esquecido.

A VOZ #2 fala com um pico de ESTÁTICA soando ao fundo. Manoel não escuta: dessa vez a voz é captada apenas pelo gravador.

VOZ #2

Lembre. De. Nós.

MANOEL

Só consigo imaginar o que as famílias dessas pessoas... Tanta coisa em aberto e nunca ter um fim. Sem nome, sem... sem descanso. Vou precisar pesquisar mais de alguma forma, quem são aquelas pessoas. São todos da lista de Pátimos, tem nomes faltando? Eram de Esmirna, de outras cidades?

(suspiro)

(CONTINUED)

1 CONT'D: (2)

1

Espero que onde quer que essa... missão me leve, eu consiga ao menos trazer um pouco de paz a essas pessoas. As que se foram e as que ficaram.

SFX: _____ SUSSURROS

MANOEL (CONT'D) Não parei de pensar em Francisco desde a conversa com o delegado ontem. Já rezo por ele todo dia há anos, mas...

(respira fundo)

Não sei. Eu... eu tenho medo. Do que pode ter acontecido com ele nesses últimos tempos.

Francisco sempre soube se virar sozinho mas... se não for suficiente?

Desde ontem tô com esse, peso no meu estômago, um arrepio na espinha toda vez que penso nisso. Não tenho com quem falar sobre essas coisas, nem como saber de notícias. Não sei se ele tá vivo, morto, ou, ou algo pior. Como... essas vozes.

Eu sei que não resolve nada me preocupar desse jeito. Mas não consigo controlar, e depois do que Moura falou eu...

(suspiro frustrado)

Só espero que ele esteja bem. A salvo. Ainda preciso... Queria poder conversar com ele.

Pausa. Manoel limpa a garganta.

(CONTINUED)

1 CONT'D: (3)

1

MANOEL (CONT'D) É isso por ora. Se estiver no caminho certo, não falta muito para chegar no rio.

A gravação é encerrada.

2 INT./EXT. CASA DE ENFERMOS SANTO ANTÔNIO - MANHÃ

2

SFX: _____ VENTO, FARFALHAR DE ROUPAS

"CLICK". Ainda escutamos sons externos. A voz de Manoel é baixa.

MANOEL

Encontrei. Encontrei.

São... quinze para as nove da manhã.

O prédio é maior do que eu imaginei, parece antigo, bem cuidado. Não do jeito imaculado dos prédios de Esmirna, mas ainda assim, bem cuidado.

(pausa)

Lembra um pouco um convento. Tem várias janelas, não consegui enxergar direito dentro. Acho que tem uma capela, também, dá para ver uma torre pequena com uma cruz daqui.

(respira fundo)

Vou entrar.

A VOZ #1 fala com um pico de ESTÁTICA.

VOZ #1

Cuidado.

SFX: _____ PASSOS NA TERRA, PORTA

Manoel coloca o gravador no bolso, e tudo passa a soar ligeiramente abafado.

(CONTINUED)

2 CONT'D:

2

Ele caminha na terra por alguns instantes, abre a porta e então entra na Casa de Enfermos. O vento para. Dentro da Casa, os passos e as vozes das pessoas ECOAM um pouco.

Manoel conversa com IRMÃ CECÍLIA (mulher, 25).

MANOEL Bom dia. Meu nome é Manoel Ferreira, sou o novo pároco da Matriz de Esmirna.

IRMÃ CECÍLIA Ah, sim, prazer! Eu posso ajudar em alguma coisa?

MANOEL Sim. Eu vi um cartaz... Na verdade, você conhecia João Pátimos?

IRMÃ CECÍLIA Só de nome. Não cheguei a passar tempo com ele, não foi meu paciente.

MANOEL Pátimos foi paciente daqui?

Escutamos passos se aproximando.

IRMÃ CECÍLIA Sim, o senhor não veio-

IRMÃ FÁTIMA (mulher, 32) interrompe a conversa.

IRMÃ FÁTIMA Irmã Cecília, pode deixar que falo com ele, obrigada. Bom dia, padre.

MANOEL Bom dia, Irmã...

IRMÃ FÁTIMA Fátima. O senhor pode me acompanhar?

(CONTINUED)

2 CONT'D: (2)

2

MANOEL Claro.

Os dois caminham enquanto conversam.

IRMÃ FÁTIMA Você conheceu Padre Pátimos?

MANOEL *(limpa a garganta)*
 Não, eu... eu fui enviado para Esmirna para substituí-lo. Não cheguei a conhecer. Só ouvi falar.

IRMÃ FÁTIMA O povo da cidade fala muito dele?

MANOEL *(risada rápida)*
 Não. Não muito.
(pausa)
 E você? Conheceu?

IRMÃ FÁTIMA Sim. Eu cuidei dele antes de... dele desaparecer.

Irmã Fátima respira fundo. Os passos param.

IRMÃ Meu escritório. É melhor conversarmos por aqui.
 FÁTIMA (CONT'D)

SFX: _____ PORTA, CADEIRAS ARRASTANDO

Escutamos a porta abrindo e se fechando. Manoel e Fátima puxam cadeiras e se sentam.

IRMÃ Você quer um pouco d'água? Essa caminhada toda
 FÁTIMA (CONT'D) nesse sol...

(CONTINUED)

2 CONT'D: (3)

2

MANOEL Aceito um copo sim, por favor.

SFX: ÁGUA, COPO DE VIDRO

Fátima coloca água de uma jarra em um copo e entrega para Manoel.

IRMÃ FÁTIMA Aqui.

MANOEL Obrigado.

(pausa)

Você disse que cuidou de Pátimos... foi você que pendurou os cartazes na cidade, então? De desaparecido?

IRMÃ FÁTIMA (surpresa)
Os cartazes ainda estão lá?

MANOEL Não. Quer dizer, quase todos os cartazes que eu encontrei estavam rasgados ou pintados por cima. Mas encontrei um que ainda tinha o nome de Pátimos e da Casa de Enfermos. Tentei telefonar, mas não consegui.

IRMÃ FÁTIMA Ah. Entendo. Bom saber. Depois do escarcéu que o prefeito fez aqui, eu não achava que sobraria nenhum pra contar a história.

(murmúrio)

Agora isso do telefone tenho que-

MANOEL O prefeito veio aqui reclamar dos cartazes?

(CONTINUED)

2 CONT'D: (4)

2

IRMÃ FÁTIMA (pausa)
Padre Manoel, que mal lhe pergunte, mas o que é esse aparelho aí dentro do seu bolso?

Manoel limpa a garganta e tira o gravador no bolso, o som se torna mais claro. Ele gagueja enquanto fala, nervoso.

MANOEL É, eu- ah. É um gravador. Portátil. Eu estava gravando durante a caminhada pra cá, registrando meus pensamentos, entende, passar o tempo, devo ter esquecido de desligar.

Silêncio. Fátima não responde. Alguns instantes se passam de forma desconfortável, com apenas os ruídos do ambiente soando, até que Manoel respira fundo e volta a falar, mais calmo.

MANOEL (CONT'D) Desculpe, Irmã. Sei que deveria ter pedido sua permissão antes, mas... Muita coisa aconteceu desde que cheguei em Esmirna.

(suspiro)

É uma longa história, mas estou em uma... Uma missão, que me foi enviada por Nosso Senhor, e parte dela envolve gravar certas conversas para que eu possa escutá-las mais tarde. Só eu tenho acesso a essas gravações, mas preciso delas para poder seguir em frente e concluir Sua vontade.

IRMÃ FÁTIMA (pausa)
Certo.

MANOEL Certo?

(CONTINUED)

2 CONT'D: (5)

2

IRMÃ FÁTIMA Sim.

MANOEL É, eu não... acho que... não esperava que você fosse dizer isso. Acreditar em mim, no caso.

IRMÃ FÁTIMA Ainda não sei se acredito. Nós mal conversamos. Mas a verdade é que não tenho nada a esconder, padre. Nosso Senhor sabe que sigo seus caminhos com toda a fé e dedicação que me foram concedidas. E além disso, naquela cidade, Abelardo Pérgamo ainda possui o suficiente de temor divino para não importunar uma freira sem razão.

A VOZ #2 fala com um pico de ESTÁTICA soando ao fundo. Nem Manoel nem Fátima reagem.

VOZ #1 Não. É. O. Que. Ele. Precisa.

MANOEL Ah.

IRMÃ FÁTIMA E então? O que trouxe você aqui?

MANOEL Bem, o cartaz. Até semana passada eu não tinha a menor ideia do que tinha acontecido com Pátimos, ninguém fala sobre o assunto lá em Esmirna.

IRMÃ FÁTIMA Eu imagino.

MANOEL E eu estou tentando entender quem ele era, o que... o que ele estava planejando.

(CONTINUED)

2 CONT'D: (6)

2

IRMÃ FÁTIMA Bem. Não sei se consigo responder tudo o que você precisa, mas posso dizer o que sei.

MANOEL É tudo que eu peço, Irmã.

IRMÃ FÁTIMA *(pausa)*
Há pouco mais de seis meses, João Pátimos bateu em nossa porta. Era noite já, e ele estava exausto, não falava coisa com coisa, e acabou desmaiando logo depois, na nossa soleira mesmo.
Eu e mais algumas Irmãs o levamos para cama. Não faltam leitos aqui, e ele não tinha ferimentos nem nada do tipo, então só deixamos ele descansando. No dia seguinte foi quando conversei com ele pela primeira vez. Eu já sabia quem ele era, mas nunca tínhamos nos falado mesmo. Você sabe, a Casa não é longe de Esmirna, mas a cidade foi crescendo e ficou sem precisar mais da nossa ajuda. Hoje aparece só um vaqueiro ou outro machucado, também gente que precisa de lugar para ficar uns dias. Bem, de toda forma, pela manhã, Padre João não estava muito mais calmo. Ele me disse que estava sendo perseguido, que precisava de abrigo. Eu disse que sim, claro, que nossas portas estavam abertas para ele.

(pausa)
Alguma coisa tinha deixado ele assustado, mas eu não sabia exatamente o quê.

(CONTINUED)

Padre João só se dava ao trabalho de conversar comigo, então logo virei a única cuidando dele. Passava o resto do tempo lendo a Bíblia, fazendo anotações em todo canto. Não acho que tinha nada de errado com sua saúde física, mas...

(respira fundo)

Ele não parava de falar sobre... conspirações de poder, em Esmirna. Não só de corrupção política, o padre dizia que... *demônios* estavam vivendo na cidade, sequestrando pessoas que ele conhecia, orquestrando planos terríveis para o futuro.

(risada nervosa)

Eu tentava argumentar pela lógica, pra entender se ele tinha alguma prova, se Deus havia lhe mandado algum sinal, descobrir de onde vinha aquilo tudo que ele ficava me falando. Fiquei sabendo que ele conhecia várias pessoas que desapareceram na cidade, aquele moço do jornal...

MANOEL

Carlos Silva.

IRMÃ FÁTIMA

Isso. Tentei perguntar de onde vinha então essa ideia de demônios, mas o padre só continuava a murmurar sobre sinais, e os desaparecimentos, e outras coisas sem sentido. E então, um dia... já era fim de tarde, eu acho, não sei que horas exatamente, chegou o prefeito, Seu Abelardo, pra visitar Padre João.

(CONTINUED)

Eu estranhei, falei do estado do padre, que não estava respondendo muito bem, mas o prefeito insistiu.

(suspiro)

Não sei sobre o que eles conversaram. Em um certo momento eles começaram a se exaltar, escutei alguma coisa sobre pactos, poder? Não sei. Mas o prefeito saiu muito irritado daqui, sem falar com mais ninguém. Padre João estava mais quieto, mas de resto tudo parecia normal. Foi só de noite que...

(pausa)

De noite, bem mais tarde, eu estava fazendo uma ronda final antes de me recolher. Vim verificar se estava tudo certo com Padre João, mas...

SFX: _____ SUSSURROS

A ESTÁTICA fica mais forte.

IRMÃ
FÁTIMA (CONT'D) Você está vendo aquela janela, ali, com o vidro embaçado? Dá pra ver silhuetas, mas não quem está do outro lado. O quarto de Padre João tem uma igual, dando pro corredor. E, naquela noite, tinham duas pessoas lá dentro. Escutei a voz de Padre João falando com a outra pessoa, um homem, o padre quase gritando.

(pausa)

Eu não... mesmo...

(CONTINUED)

mesmo já tendo um tempo que isso aconteceu, ainda não sei explicar bem o que eu senti quando olhei praquela janela. Um arrepio descendo a espinha, e de repente meu coração começou a bater tão forte que eu não escutava mais nada. Fiquei congelada ali, mal conseguia respirar. Nunca senti tanto medo na minha vida. Eu achava... não, eu tinha certeza de que eu ia morrer ali. Tudo que eu conseguia fazer era tentar rezar uma última prece.

(respira fundo)

Não sei quanto tempo passei assim, pareceu uma eternidade, mas, de repente, eu conseguia me mexer de novo, respirando normalmente.

Corri direto para a porta do quarto, mas quando olhei lá dentro, não tinha mais ninguém. Nem Padre João, nem o outro homem. E eu nunca mais vi nenhum dos dois.

A ESTÁTICA volta ao volume normal.

MANOEL

(limpa a garganta)

É, obrigado, Irmã. Não... não deve ser fácil.

Falar sobre isso.

IRMÃ FÁTIMA

Sim.

(respira fundo)

Depois que tudo isso aconteceu, acabei ligando para a polícia, mas você deve saber que nada foi resolvido.

(CONTINUED)

Não acho que aquele delegado moveu um dedo para ir atrás do padre, e quando eu tentei colocar ao menos alguns cartazes pela cidade, Seu Abelardo veio pessoalmente aqui pra dizer que "esse tipo de coisa" era proibida.

(suspiro frustrado)

Não sei como as coisas andam em Esmirna, mas preferi me afastar. Ainda oro pelo retorno do padre, mas... não sei, temo que seja em vão.

MANOEL Não acho que seja. Mesmo se... se o pior tiver acontecido. É bom que tenham pessoas rezando pelo seu bem, seja aqui ou ao lado do Nosso Senhor.

IRMÃ FÁTIMA Sim. Acho que você está certo.

MANOEL *(pausa)*
Irmã, desculpe se lhe for incômodo, mas você sabe mais alguma coisa? Sobre esse homem que esteve no quarto de Pátimos?

IRMÃ FÁTIMA Não. Não consegui ver nada específico pela janela, e foi a única vez que ele apareceu.

MANOEL Entendi. Certo.

(respira fundo)

Então... você... poderia me levar no quarto que o Padre ficou? Queria dar uma olhada.

(CONTINUED)

2 CONT'D: (11)

2

IRMÃ FÁTIMA Claro. Sem problemas. Só preciso passar na recepção antes para pegar as chaves.

SFX: CADEIRAS ARRASTANDO, PORTA, PASSOS

Manoel bota o gravador no bolso novamente. Ele e Fátima saem do escritório e andam em silêncio pelos corredores por alguns instantes.

MANOEL Você chegou a ver se... tinha alguma coisa, no quarto dele?

IRMÃ FÁTIMA Perdão?

MANOEL No quarto de Pátimos, você encontrou...

(respira fundo)

Um, um caderno, alguma coisa assim?

SFX: VOZES ININTELIGÍVEIS, SUSSURROS

Manoel respira pesado. A ESTÁTICA volta a aumentar de volume.

IRMÃ FÁTIMA Ah. Não, não. Só aquela Bíblia.

MANOEL Certo.

Escutamos Manoel tropeçando, ele e Fátima param de andar.

MANOEL (CONT'D) Eu não... não estou me sentindo muito bem.

(CONTINUED)

2 CONT'D: (12)

2

IRMÃ FÁTIMA Desculpe, Manoel. Ele teria levado todos nós.
Precisei fazer isso.

MANOEL Mas... eu não...

*As VOZES ficam compreensíveis, e falam
repetidamente ao fundo.*

VOZES NÃONÃONÃONÃONÃONÃO-

IRMÃ FÁTIMA Eu vou rezar por vocês.

*O gravador é tirado do bolso de Manoel. A gravação
é encerrada.*

3 INT/EXT. NÃO-LUGAR

3

*A VOZ #3 ecoa e é duplicada, palavras saindo com
dificuldade com muita estática no fundo.*

VOZ #3 Não há. Mais. Retorno.

FIM DA GRAVAÇÃO

O SOM DO TROVÃO

escrito por

Victória Cardoso

EP. 6

ONDE SATANÁS
TEM SEU TRONO

1 INT. CARRO - TARDE

1

SFX: _____ MOTOR DE CARRO

"CLICK". A gravação se inicia. Ao fundo, escutamos o som do motor de um carro em movimento. Alguns instantes se passam até que alguém pega o gravador e a gravação é encerrada.

"CLICK". A gravação inicia de novo logo depois, ainda no mesmo local. Escutamos a voz do prefeito ABELARDO PÉRGAMO (homem, 53) falando baixo.

ABELARDO Diacho de máquina.

A gravação é encerrada.

"CLICK". A gravação se inicia mais uma vez.

ABELARDO Mas tu não quer se aquietar mesmo, né, bichinho?

(CONT'D)

(risada)

Tá certo, então.

SFX: _____ SUSSURROS

Alguns instantes se passam. A ESTÁTICA aumenta de volume exponencialmente para então voltar ao normal. Abelardo escuta.

ABELARDO Oxe, quebrou, foi?

(CONT'D)

Ainda com ESTÁTICA no fundo, a VOZ #3 fala em sua cadência usual, interrompendo Abelardo.

VOZ #3 Não. Há. Mais. Tempo.

Abelardo para o carro e desliga o motor. Escutamos sua respiração pesada por alguns instantes. Ele começa a dar tapas em alguém.

SFX: _____ TAPAS

(CONTINUED)

1 CONT'D:

1

A voz de Abelardo soa próxima ao gravador.

ABELARDO Vamos, cabra, acorde pra vida.

Há o som de movimento e algo batendo por dentro do carro. Escutamos a voz de Manoel, de início lenta e confusa.

MANOEL O que... eu- prefeito?

ABELARDO Onde você arranhou esse aparelho, hein, padre?

MANOEL O, o gravador?

ABELARDO Sim. Onde você conseguiu? Pátimos não tinha um desses.

MANOEL Não, quem- quem me deu foi, Dom Sardes. O bispo.

ABELARDO (murmúrio)
Pilantra dum figa, não pensa-

Abelardo liga o carro e dá a partida. Manoel respira fundo e, quando fala, soa mais alerta do que antes.

MANOEL O qu- o que você quer, Pérgamo?

ABELARDO Eu quero que você me faça a Extrema Unção, padre.

MANOEL O quê? Não-

(CONTINUED)

1 CONT'D: (2)

1

ABELARDO Pode não parecer, mas meu tempo aqui está terminando. E eu não quero partir pro andar de baixo, não.

MANOEL Ah, e- e me sequestrar é sua melhor ideia para evitar isso? E depois, o que você vai fazer, me torturar e sumir com meu corpo como fez com os outros?

ABELARDO (*risada*)
Você não faz a *menor* ideia do que está acontecendo aqui.

MANOEL Então *diga* para mim! Me ilumine com informações, prefeito. Não é como se eu não estivesse tentando falar com você há semanas.

ABELARDO Não há *tempo*-

MANOEL Como você quer que eu lhe absolva de seus pecados quando eu não sei quais eles são?

ABELARDO (*suspiro frustrado*)
Presta atenção. Essa cidade todinha, Esmirna não seria o que seria se não fosse pelo meu sacrifício, padre. Esse lugar nasceu condenado pro fracasso, mas eu dei meu sangue, minha vida toda pra que isso aqui prosperasse.
Sempre tive esses planos, desde criancinha, sabia que eu tinha o potencial pra mudar.

(CONTINUED)

1 CONT'D: (3)

1

Eu era moleque quando meu pai virou o primeiro prefeito dessa cidade, mas ainda naquela época eu já sabia que podia fazer muito melhor, conhecia isso aqui muito mais que ele. Cresci me preparando pra isso, estudei sem parar, trabalhei pra burro. Aí, num dia igualzinho a esse, eu estava dirigindo, voltando de Petrolina. Estrada vazia, céu limpo, tudo normal até que pã! Uma criança apareceu do nada, brincando onde não devia. Eu prestei socorro, mas não adiantou. Morreu na hora.

SFX: _____ VOZES ININTELIGÍVEIS

Eu entrei em pânico, claro. Um errozinho desses e eu ia perder tudo? Minha vida toda trabalhando pra nada, eu tava arruinado. Não sabia o que fazer. Foi aí que eu olhei no horizonte. E eu vi o Cabra pela primeira vez.

A ESTÁTICA aumenta de volume.

ABELARDO
(CONT'D)

Parecia visagem, ficava tremulando mesmo ali parado. Não dava para ver o rosto, mas estava bem vestido. Ele nunca me disse o nome dele, mas sabia o meu. Disse que tinha uma proposta pra me fazer: ele ia sumir com todo aquele... problema, me garantia sucesso e poder. Em troca, eu fazia o que ele pedisse, e...

(limpa a garganta)

E, em trinta anos, ele levava minha alma.

(CONTINUED)

Se fosse qualquer outra pessoa, eu achava que estavam tirando sarro de mim. Mas eu sabia, de algum jeito, que ele falava sério. E então eu aceitei, ia ser meu fim de um jeito ou de outro mesmo. Assinei com meu próprio sangue, e o Cabra desapareceu bem na minha frente.

Ele cumpriu a parte dele. Nunca mais vi nada sobre aquela criança, venci as eleições de lavada, não tinha pra mais ninguém nessas bandas. Comecei a fazer as reformas na cidade, Esmirna cresceu. De tempos em tempos ele aparecia me cobrando a parte no trato. Ele queria umas pessoas, não fazia questão de quem. Eu indicava um ou outro sem-teto, gente que ninguém ia dar falta. Eles sumiam, e eu tomava conta de qualquer ponta solta aqui.

E foi assim por muito tempo, tudo indo de vento em popa, Esmirna tinindo, o povo contente cada um com sua vida, e eu como o melhor prefeito que a cidade já viu. Só que de uns anos pra cá, o Cabra- ele mudou as vontades. Começou a aparecer com mais frequência, pedir umas pessoas específicas, foi aí que eu tive que deixar Moura a par da situação. Ele nunca foi lá muito inteligente, mas trabalha bem, gostava do serviço.

A questão é que umas pessoas começaram a falar, gente conhecida desaparecendo. A gente fez o que pôde pra calar essas conversas, mas o Cabra... ele parecia que sabia de tudo que tava acontecendo na cidade.

(CONTINUED)

1 CONT'D: (5)

1

E não gostou nem um pouco quando o jornalista lá começou a insistir em descobrir mais coisa sobre esses... sumiços. Em dois tempos, ele acabou sumindo, também.

O que eu não sabia é que o desgraçado tinha falado com o velho padre sobre essas coisas. Ele até tentou fugir, mas o Cabra encontrou ele do mesmo jeito. Ele tá mais forte do que antes. Nem tá parecendo mais com visagem, tá quase, de carne e osso, não sei. Parece gente, mas no fundo no fundo você sabe que não é.

(respira fundo)

Eu gostava de Pátimos, não era pra ter sido assim. Eu só queria o melhor pra essa cidade. Mas agora as coisas tão fora do controle e meu tempo tá acabando, Padre Manoel. Eu não sei mais o que fazer.

A ESTÁTICA volta ao volume normal. Os dois ficam em silêncio por alguns instantes, apenas o som do carro se movendo ao fundo.

MANOEL Você... você se arrepende?

ABELARDO Nunca deveria ter feito aquele acordo.

MANOEL Eu... eu não tenho como lhe absolver, Abelardo.

ABELARDO Como assim?

(CONTINUED)

1 CONT'D: (6)

1

MANOEL *(respira fundo)*
 Você foi responsável pela morte de dezenas de pessoas, pelo desespero de muitas outras e ainda assim você... você se arrepende só do que afeta seu bem-estar. Não há lamento ou pesar em nada que você me falou.

Pausa. O silêncio é tenso e desconfortável. Após alguns instantes, escutamos o som do carro parando e do freio de mão sendo puxado.

SFX: _____ FREIO DE MÃO

ABELARDO Bora. Desce.

MANOEL Mas onde- o quê?

ABELARDO Você escutou.

SFX: _____ PORTA DO CARRO ABRINDO, PÉS NO ASFALTO

Manoel abre a porta do carro e sai, mas pausa antes de se afastar.

MANOEL Pra que todo esse trabalho só... só pra me deixar na frente da Matriz de novo?

ABELARDO Se eu fosse você, entrava logo. Vai chover.

SFX: _____ PORTA DO CARRO FECHANDO, CARRO SE AFASTANDO

Abelardo fecha a porta e parte com o carro. Escutamos a respiração de Manoel e um pouco de vento do ambiente externo. A VOZ #1 fala, captada apenas na gravação.

(CONTINUED)

1 CONT'D: (7) 1

VOZ #1 SEM. RETORNO.

2 INT. MATRIZ DE ESMIRNA: APOSENTOS - NOITE 2

"CLICK". *Manoel não fala imediatamente. Uma chuva forte soa ao fundo, com um trovão ocasional ao longe. A voz de Manoel soa cansada.*

MANOEL Esmirna, 8 de dezembro de 1973. São... onze e meia da noite. Padre Manoel Ferreira gravando.

(suspiro)

Não consigo dormir. Hoje foi... um longo dia, e eu- eu não sei mais o que pensar.

Tenho mais respostas, mas tudo está mais complicado do que nunca. Estou cansado, confuso e eu sei que não conhecia Irmã Fátima, mas nunca esperava que ela me entregasse aos leões. Muito menos que o prefeito fosse simplesmente me deixar às portas da Matriz? Por que ele fez isso, por que não me levou até o tal Homem que tanto fala? Sou grato por estar vivo, mas... por quanto tempo? Pérgamo mesmo falou que o Homem ia atrás de qualquer um que interferisse ou investigasse seus planos, e certamente devo ter entrado nessa lista.

A ESTÁTICA aumenta de volume, interrompendo Manoel, para então baixar novamente e a VOZ #2 soa, vinda do gravador, em sua cadência usual.

VOZ #2 Não. Tema.

Manoel bate com as mãos na escrivaninha, frustrado, e responde as vozes em um tom exaltado.

(CONTINUED)

2 CONT'D:

2

MANOEL Como não temer? Como é que eu, sozinho, posso ir de frente contra, contra tudo isso? Não posso deixar esse lugar, abandonar essas pessoas inocentes à mercê de um destino terrível, mas também não sei o que eu posso fazer, sem ninguém, nenhum aliado? Todo o povo daqui está paralisado, quem poderia me ajudar me deu as costas, quem deveria estar resolvendo tudo isso é quem *causou-*

SFX: ESTRONDO

Um estrondo alto, diferente e mais próximo do que um trovão, interrompe o desabafo de Manoel. Alguns instantes se passam antes que ele fale novamente, a voz baixa, quase sussurrando.

MANOEL (CONT'D) Eu acho... eu acho que alguém arrombou a porta de trás da igreja.

SFX: FARFALHAR DE ROUPAS, OBJETOS REMEXIDOS, PASSOS

Manoel coloca o gravador no bolso. Escutamos ele procurando por algo, e então, passos cautelosos. Ao fundo, a ESTÁTICA e a tempestade continuam a soar de forma constante. Após alguns momentos, Manoel sussurra.

MANOEL (CONT'D) Eu acho que estou vendo alguém, mas... está escuro demais, não consigo...

(voz alta)

Sei que você está aí! Apareça!

(pausa)

Não quero usar violência, estamos na Casa do Senhor!

(CONTINUED)

2 CONT'D: (2)

2

A voz de Manoel ecoa um pouco pela igreja. Quem responde, com um leve tom de risada na voz, é FRANCISCO (homem, 28), irmão mais novo de Manoel.

FRANCISCO Quando foi que você virou o brigão da família,
Mano?

MANOEL *(surpreso)*
Francisco?

FRANCISCO Oi.

Escutamos um farfalhar de roupas quando Manoel se aproxima para abraçar Francisco rapidamente. A voz de Francisco soa um pouco abafada.

FRANCISCO Opa.

(CONT'D)

Manoel se afasta.

MANOEL O que- como-

(respira fundo)

Certo, é, primeiro, me ajude com essa porta.

FRANCISCO Ok.

SFX: _____ MÓVEL PESADO ARRASTANDO NO CHÃO

Escutamos os sons dos dois arrastando algo pesado e colocando contra a porta. Manoel respira pesado, ofegante.

MANOEL Você bem que poderia ter batido.

(CONTINUED)

2 CONT'D: (3)

2

FRANCISCO Não sabia se você ia escutar com a chuva. Além do mais, eu... não sabia se você abriria pra mim.

MANOEL Ah, Francisco... eu sempre abriria a porta para você. A qualquer hora, em qualquer lugar.

Um silêncio desconfortável permeia os dois por alguns instantes, até Manoel falar novamente.

MANOEL (CONT'D) Raios, você está encharcado, vai congelar desse jeito. Eu posso- tenho algumas roupas secas, se você quiser.

FRANCISCO Pode ser.

MANOEL Meus aposentos são logo ali.

SFX: _____ PASSOS

Os dois começam a caminhar juntos.

MANOEL (CONT'D) *(limpa a garganta)*
Você... você está bem? Algum machucado?

FRANCISCO Não. Estou bem, na medida do possível.

(pausa)
Você sabe que eu estou sendo...

MANOEL Sim. Eu não me importo.

FRANCISCO Ah.

(CONTINUED)

A ESTÁTICA no fundo aumenta de volume de forma gradativa. Eles chegam no quarto e Manoel coloca o gravador em cima de uma superfície de madeira. Escutamos uma gaveta sendo puxada.

SFX: GAVETA SENDO ABERTA

Manoel respira fundo, ficando mais emocionado quanto mais fala.

MANOEL Francisco, eu... eu sinto muito mesmo. Por tudo. Eu deveria ter feito algo, batido de frente contra eles, você era tão novo e eu só fiquei lá parado, escutando os dois te expulsando de casa-

FRANCISCO Ei. Já passou.

MANOEL (choroso)
Me desculpe.

FRANCISCO Está tudo bem.

Os dois se abraçam de novo, por mais tempo, dessa vez.

MANOEL (funga)
Ok, certo, roupas. Eu não consigo ver nada nesse escuro... você pode apertar o interruptor? Está logo aí do seu lado.

SFX: INTERRUPTOR, FARFALHAR DE ROUPAS

Tem tanta coisa que eu preciso te falar, você não faz ideia...

(murmúrio)

(CONTINUED)

2 CONT'D: (5)

2

É, isso aqui deve dar...

(voz normal)

Como você veio parar aqui, afinal-

Manoel se interrompe no meio da frase.

FRANCISCO O que foi?

SFX: _____ SUSSURROS

MANOEL (sério)
Quem é você.

FRANCISCO Como assim? Sou eu, Manoel.

SFX: _____ VOZES ININTELIGÍVEIS, SUSSURROS

Manoel não responde. A ESTÁTICA no fundo fica mais forte, escutamos as VOZES ININTELIGÍVEIS e SUSSURROS aumentando de volume até que, de repente, todos os ruídos param de uma vez - estática, vozes e sussurros, tudo fica silencioso.

Francisco volta a falar, mas sua voz está diferente: algumas palavras soam duplicadas ou mais graves, com picos de estática esporádicos soando ao longo do que diz.

FRANCISCO O que me entregou?

(CONT'D)

(suspiro)

Foram os olhos, não é? Nunca consigo deixar eles perfeitos. Mas, sabe, acho que até prefiro assim. Fica mais... original.

SFX: _____ PASSOS LENTOS, METAL ARRASTANDO NA MADEIRA

(CONTINUED)

2 CONT'D: (6)

2

Manoel pega algo em cima de um móvel e recua lentamente para outra parte da igreja. Francisco lhe acompanha, sem parar de falar.

FRANCISCO Estou surpreso que você conseguiu me reconhecer,
(CONT'D) Manoel. Nem todo mundo consegue processar a visão
direito quando me conhece. Mas suponho que ser meu
irmão te dá uma certa vantagem.

MANOEL Cale a boca. Você não é Francisco. Onde ele está?

FRANCISCO Aqui dentro, em algum lugar. Não tenho muita
certeza, ele se calou já tem um tempo.

MANOEL Saia daí, demônio! Deixe ele em paz!

FRANCISCO Ou o quê? Você me ataca com esse castiçalzinho na
sua mão?

MANOEL *(respira fundo)*
Você... você é aquele tal Homem, não é? O que fez
o acordo com Tibúrcio e o prefeito, que está
sumindo com todas essas pessoas.

FRANCISCO Não exatamente um *homem*, não é como se eu fosse
humano. Mas sim, parabéns, Manoel, você acertou.

MANOEL Sim, mas qual é o seu objetivo com isso? Por que
matou essas pessoas, por que atormenta essa cidade
desgraçada?

(CONTINUED)

2 CONT'D: (7)

2

FRANCISCO

Sabe, eu não *planejava* atormentar essa cidade. Tudo aconteceu meio que por acaso. Eu estava nos arredores quando aconteceu aquele trágico... acidente, com Abelardo.

Fizemos um acordo, e foi isso. Eu teria alimento por algumas décadas e ele saía com o poder que ele tanto queria. O povo daqui não era muito miserável, mas os sacrifícios que ele me enviava certamente eram, e é isso que me dá forças. Não dava pra fazer nada muito grande, não queria gente se metendo, mas dava pra o gasto.

Mas, desde... de uns anos pra cá, eu percebi que eu podia fazer mais, que não precisava ficar mais me escondendo. Afinal, não é só em Esmirna que essas coisas acontecem, a diferença é que só aqui que eu sou o responsável.

(respira fundo)

Não é muito diferente do que você imagina. Eu dou o nome, o delegado busca, o prefeito abafa. Com o tempo, o povo aprendeu que não deviam se meter, ou eles vão ser os próximos. Eu tive que me livrar de umas pedras no caminho, o jornalista e o padre velho, mas além deles... ninguém mais procura. Ninguém mais liga. Só o que sobra quando eu termino é o desespero e uma pilha de ossos descartados numa vala comum. E nunca estive tão bem alimentado.

(CONTINUED)

Manoel respira pesadamente. Ele para de andar. Os dois estão na nave principal, e suas vozes têm um pouco de eco.

MANOEL E o que... o que Francisco tem a ver com tudo isso?

FRANCISCO Ah, sim. Eu fiz um acordo com ele.

MANOEL O quê?

FRANCISCO Eu não posso sair entrando assim, sem ser convidado, Manoel. Não, seu irmão pediu, *implorou* com todas as letras para que eu o ajudasse. *Ele* abriu a porta para *mim*.

MANOEL Eu- eu não...

FRANCISCO (*suspiro*)
A vida de um terrorista na clandestinidade não é fácil, padre. Francisco achou que estaria mais seguro no interior. Ele estava errado. Alguns dias de tortura e ele estava clamando por alguém que lhe ajudasse. Chamou por você, até pelo cara lá de cima. Mas só eu vim. Ofereci uma proposta: eu entrava nesse corpo, e ele não morria. Acho que você sabe o que ele respondeu.

Silêncio. Nenhum dos dois fala nada por alguns instantes. É possível escutar apenas a tempestade no lado de fora.

(CONTINUED)

2 CONT'D: (9)

2

MANOEL (voz baixa)
E agora?

FRANCISCO Hm?

MANOEL O que você quer, espírito imundo? De que serviu todo esse teatro todo? Por que não me matou ainda? O que você realmente quer de mim?

FRANCISCO (risada)
Ah, Manoel, por isso é que eu gosto de você. Eu vim com uma proposta.

A ESTÁTICA volta, em volume baixo, quase imperceptível, mas segue aumentando de volume.

FRANCISCO Eu deixo seu irmão em paz, e você deixa eu entrar
(CONT'D) no seu corpo.

MANOEL Por que-

FRANCISCO Porque esse é meu ramo de negócios. Seu desespero nesse último mês foi delicioso, Manoel, um verdadeiro banquete. Mas estou cansado de precisar andar nas sombras. O rosto do seu irmão está em muitos cartazes, é uma inconveniência grande. Você se encaixa muito melhor no meu futuro.

MANOEL Como você tem tanta certeza de que eu vou aceitar? Permitir que você cause mais sofrimento e miséria onde quer que decida ir?

(CONTINUED)

2 CONT'D: (10)

2

FRANCISCO Você não é capaz de matar esse corpo ou qualquer outro, Manoel, mas também não pode permitir que ele continue sofrendo. Você não tem como me tirar daqui à força. Pátimos deu seu máximo, e ainda assim falhou. Não adianta rezar. Só há uma outra opção, padre, e, cá pra nós, você já decidiu.

Há uma pausa. É possível escutar, novamente, SUSSURROS e VOZES ININTELIGÍVEIS ao fundo. A VOZ #1 surge, quase parte dos sussurros:

VOZ #1 Ainda. Estamos. Aqui.

MANOEL Certo.

(respira fundo)

Venha.

SFX: RISADA INUMANA, ELETRICIDADE, VENTO

Francisco ri, um som que vai soando cada vez mais gutural e deixa de parecer humano. Escutamos as luzes da igreja oscilando.

MANOEL (CONT'D) *(falando alto)*
Vamos! A porta está aberta! Podem entrar!

SFX: PORTAS DE MADEIRA ABRINDO E BALANÇANDO, PAPÉIS
VOANDO, ELETRICIDADE, LÂMPADAS EXPLODINDO

Em rápida sucessão, uma enorme cacofonia vai sendo criada: o vento forte abre as portas e janelas da igreja com força. Papéis começam a voar por toda a nave. O som da eletricidade oscilando aumenta até que as lâmpadas explodem.

A ESTÁTICA, ainda presente, soa junto com diversas das VOZES, que saem do gravador de forma entrecortada, repetindo falas anteriores.

(CONTINUED)

2 CONT'D: (11)

2

VOZ #1 Ainda. Estamos-

VOZ #2 Valeu. A-

VOZ #3 OS. CAMINHOS-

VOZES ROGAI-

SFX: _____ TROVÃO, CORPO CAINDO NO CHÃO

Um trovão soa, e todas as vozes se calam. Francisco cai no chão. Os outros sons também diminuem exponencialmente: o vento se torna fraco, as portas param de bater, a estática é baixa.

Escutamos a voz de Manoel, em voz baixa, quase chorando.

MANOEL Meu Deus... por que-

Antes de completar sua frase, Manoel se interrompe. Quando ele volta a falar, sua voz se assemelha à de Francisco anteriormente: palavras soando duplicadas ou mais graves, com picos de estática. É o DEMÔNIO, usando o corpo de Manoel.

DEMÔNIO Ele abandonou isso tudo há muito tempo, padre.

Manoel responde, sua voz normal soando com dificuldade.

MANOEL Não... impor-

DEMÔNIO Pare de resistir, Manoel. Por que você acha que vai ter mais sucesso do que-

(CONTINUED)

2 CONT'D: (12)

2

MANOEL Eu abri. A. Porta.

DEMÔNIO *(risada)*

Eu sei, padre. E agora vou fazer bom proveito do que-

MANOEL Eu. Abri a porta...

(ofegante)

Não só- para você.

DEMÔNIO *(pausa)*

Não. Você não acha que eles podem-

O Demônio é interrompido pela VOZ #1, VOZ #2 e VOZ #3, que soam com uma cadência um pouco mais estável. A partir de agora, Manoel e as vozes soam juntos, em uníssono.

VOZ #1 ELE abriu. A Porta.

VOZ #2 Estamos. Aqui.

VOZ #3 E SOMOS. Muitos.

DEMÔNIO Não. NÃO-

O Demônio soa cada vez menos como Manoel, com um tom gutural e distorcido.

VOZ #1 Não. Mais. Vivos.

VOZ #2 Mas. Não. mortos.

Escutamos Manoel se levantando e caminhando para longe do gravador, até a porta da igreja.

(CONTINUED)

2 CONT'D: (13)

2

*Seus passos são lentos, uma das pernas se arrasta.
O Demônio rosna de raiva.*

DEMÔNIO O QUE você vai fazer?

MANOEL INTERVIR.

A porta se fecha. A gravação é encerrada.

FIM

RELATÓRIO DE PRODUÇÃO

A escolha de realizar uma audiossérie não estava entre as opções de trabalho de conclusão de curso do curso de Cinema e Audiovisual da UFPE, mas foi requerida por mim ao meu orientador, que concordou com a realização do projeto. Portanto, uma solicitação para executá-lo foi realizada e aprovada pelo colegiado do curso de Cinema.

A produção se mostrou um desafio desde o princípio: como as audiosséries são um tipo de mídia relativamente novo e ainda não formalizado, não existem estudos de grande relevância ou convenções estabelecidas. A vasta dominância dos podcasts de não-ficção tornou a pesquisa por material um tanto mais difícil - mesmo ao restringir a procura apenas ao ramo narrativo, a ampla maioria dos resultados inclui apenas artigos que abordam programas de não-ficção. Os poucos artigos encontrados retratam, de forma geral, as audiosséries como uma forma de ressurgência do drama radiofônico no século XXI, além de seu potencial de ultrapassar as barreiras e limites existentes no rádio.¹

Para a produção dos roteiros, tentei encontrar algum modelo específico para podcasts, pois observei que o padrão convencional de roteiro para mídias visuais, utilizado em longas, curtas e séries, não comportava bem as necessidades de uma obra que prioriza o áudio. No entanto, pela natureza predominantemente informal e/ou independente das produções de audiosséries no presente, não encontrei em minhas pesquisas um modelo específico que utilizado por podcasts narrativos. “*Welcome to Night Vale*” e “*The Magnus Archives*”, obras extremamente populares no campo das audiosséries, citadas anteriormente, não disponibilizam os roteiros utilizados para gravação, apenas transcrições de episódios. A maior parte das audiosséries investigadas não disponibiliza nem mesmo transcrições, com este trabalho sendo cumprido normalmente por fãs.

Após isso, busquei modelos que são utilizados nas rádios, evitando novamente aqueles que tratam de programas de não-ficção. Nesta pesquisa, observei que a rádio britânica BBC é uma das poucas que resistiu produzindo dramas radiofônicos de forma rotineira, normalmente adaptando obras literárias e teatrais diversas, mas também com material original (HANDY, 2017). Ao analisar as diretrizes e modelos utilizados pela BBC, no entanto, notei que neles apenas são utilizadas indicações de falas de personagens e efeitos sonoros, alguns quase sem

¹ Os resultados encontrados estão listados nas referências: BOTTOMLEY, 2015; SOLTANI, 2018; ROCHESTER, 2015.

formatação. Apesar de mais próximos do que julgo funcionar para uma audiossérie, ainda sentia falta de um espaço para um texto de ação, que mesmo em um formato mais breve do que o de um roteiro audiovisual, considero que seja uma parte importante da estrutura para compreensão.

Sendo assim, uni partes de um dos modelos disponibilizados pela BBC com elementos do roteiro audiovisual clássico, assim como partes de formatação utilizadas por peças teatrais. Utilizando o programa de escrita de roteiros gratuito WriterDuet, customizei extensivamente o formato do documento para que se adequasse ao modelo que pensei. Observei alguns problemas e inconsistências na formatação quando se exporta o arquivo para o formato pdf, nada que prejudique a compreensão, mas vejo a necessidade de programar o modelo de forma mais padronizada no futuro.

Durante a escrita do argumento da série e das sinopses dos episódios, houve a necessidade de pesquisar mais a fundo sobre múltiplos aspectos da história - por mais que eu possuía experiência com elementos da religião católica, não seria o suficiente para abranger o personagem de um padre, por exemplo. Para desenvolver a história da cidade de Esmirna foi necessário uma busca em diversas áreas diferentes, incluindo a geografia do sertão pernambucano, o impacto do regime militar em cidades da área e a história e o desenvolvimento de alguns desses locais ao longo do último século.

A parte da pesquisa envolvendo o regime militar foi a que mais rendeu frutos, com uma ampla rede de material e de fontes, a maior parte já citada na introdução deste trabalho. Portais como o Memórias da Ditadura, Instituto Vladimir Herzog e Arquivos da Ditadura² foram fundamentais para desenvolver esta temática em *O Som do Trovão*, além de entrevistas e artigos diversos retratando militantes e ex-presos políticos. Tive um sucesso moderado na investigação sobre cidades do interior e o sertão pernambucano: enquanto o material sobre geografia e história foi abundante, as minúcias e dúvidas que não consegui sanar em buscas na internet foram supridas ao consultar indivíduos que viveram nestes locais durante o período em que a história se passa. A figura real de António de Gouveia, o “Padre do Ouro” citado algumas vezes ao longo dos episódios, me foi apresentada por um amigo, e adicionada na série como parte do passado distante de Esmirna. Já a busca por materiais sobre religião foi a que obtive os resultados mais escassos. Algumas informações, como plantas baixas de

² Disponíveis, respectivamente, em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/>>; <<https://vladimirherzog.org/>> e <<https://arquivosdaditadura.com.br/>>

igrejas, passagens da Bíblia e os termos específicos para certos itens eclesiásticos, se mostraram de fácil acesso. No entanto, dados como o funcionamento do processo de seminário, a estrutura de uma confissão e certos aspectos da rotina de uma paróquia foram especialmente difíceis de encontrar em fontes objetivas, com resultados muitas vezes inconclusivos, insuficientes e/ou contraditórios entre si.

Após a fase de pesquisa e preparação, o processo de escrita propriamente dito se mostrou relativamente tranquilo. Os seis roteiros foram produzidos durante um período de um mês e meio, entre o fim de maio e o início de julho de 2022. Inicialmente, pensava em fazer episódios com cerca de 10 a 15 minutos, porém durante o processo de escrita, percebi a necessidade de estender esta duração para uma média de 15 a 20 minutos. No fim, os roteiros dos episódios variaram entre 13 a 21 páginas, com 94 páginas no total.

A princípio, se pensava em gravar todos os episódios, porém devido a extensão que a série tomou e às restrições de tempo e material, foi acordado em reunião com o orientador que apenas o piloto seria gravado. O episódio, junto dos argumentos, roteiros e relatório de produção seriam apresentados como o todo do trabalho de conclusão.

A fase de pré-produção se deu início no fim de julho, e com ela, novos obstáculos. Desde o princípio, foi planejado gravar a série no estúdio de som do Laboratório de Imagem e Som (LIS) do Departamento de Comunicação da UFPE; no entanto, o estúdio sofreu danos com as fortes chuvas do semestre anterior e se encontrava interditado. Ao consultar as rádios universitárias Paulo Freire e Universitária FM, foi constatado que nenhuma das duas dispunha de um estúdio disponível para este tipo de gravação. Uma reunião foi feita pelo colegiado de Cinema, onde foi acordado que a gravação poderia ser feita em casa e esses fatores seriam levados em conta durante a avaliação do trabalho. Logo em seguida, no entanto, a prof^a Alice Gouveia disponibilizou um espaço de estúdio na Oficina de Imagens, que acabou se encaixando perfeitamente às necessidades do projeto.

A equipe foi composta por cinco integrantes, todos do curso de Cinema: Eu, Victória Cardoso, na direção e produção; Marcia Rezende na direção de som e captação de som direto; Cecília Assy na assistência de som e produção; Tiago Calmon interpretando o papel de padre Manoel e Andréa Neto na edição e mixagem de som – esta última participando apenas na fase de pós-produção.

As gravações principais foram realizadas no dia 01 de setembro, com alguns sons extras tendo sido captados ao longo da semana seguinte; o equipamento utilizado foi alugado

do próprio Laboratório de Imagem e Som da UFPE. Mesmo com o microfone de lapela e um boom à disposição, foi decidido utilizar majoritariamente o microfone do próprio gravador, a fim de obter um som com ruído mais natural, mais próximo de um gravador analógico. Os outros dois aparelhos, portanto, serviram como um backup para o caso de algum problema durante as gravações. As cenas foram gravadas de forma linear, considerando a própria progressão do personagem ao longo do episódio, e discorreram sem mais intercorrências.

A pós-produção ocorreu durante o restante do mês de setembro e o início do mês de outubro, com algumas reuniões sendo realizadas com Andréa neste período para direcionamentos, sanar dúvidas e discutir mudanças. O corte final do piloto ficou com pouco mais de 18 minutos no total, dentro da média que previa.

Apesar dos muitos desafios enfrentados ao longo da realização deste projeto, fico muito contente com o resultado final. Mesmo roteiro sendo uma área que aprecio e que costumo trabalhar constantemente, a decisão de criar uma audiossérie foi algo que fugiu totalmente da minha zona de conforto. Os esforços que tive para poder elaborar os muitos aspectos deste trabalho parecem ter valido a pena, no entanto: além de ter aprendido muito durante todas as fases do processo, *O Som do Trovão* foi a primeira vez que consegui produzir uma obra tão longa (e permanecer satisfeita), e é, sem dúvidas, um projeto que pretendo levar à frente no futuro.

REFERÊNCIAS

- BETTO, Frei. **O que é comunidade eclesial de base**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- BOTTOMLEY, Andrew J. Podcasting: A Decade in the Life of a “New” Audio Medium: Introduction. **Journal of Radio & Audio Media**, Londres, v. 22, n.2, p. 164-169, 2015. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/19376529.2015.1082880>>. Acesso em: 16 out. 2022.
- BRADLEY, Laura. This Was the Decade Horror Got “Elevated”. **Vanity Fair**, Nova Iorque, 17 dez. 2019. Disponível em: <<https://www.vanityfair.com/hollywood/2019/12/rise-of-elevated-horror-decade-2010s>> . Acesso em: 20 out. 2022.
- CECHIN, Antônio. Fichas catequéticas, a prisão e a tortura. [Entrevista concedida a] Ricardo Machado. **Instituto Humanitas Unisinos**, 04 jan. 2013. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/516685-deus-so-tem-um-lado-o-dos-pobres-entrevista-especial-com-antonio-cechin>>. Acesso em: 24 out. 2022.
- CECHIN, Antônio. Igreja, entre o apoio e a resistência ao golpe civil-militar de 1964. [Entrevista concedida a] Ricardo Machado. **Instituto Humanitas Unisinos**, 31 mar. 2014. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/529710-igreja-entre-o-apoio-e-a-resistencia-ao-golpe-de-1964-entrevista-especial-com-antonio-cechin>>. Acesso em: 24 out. 2022.
- CHAMBERS, Amy C. ‘Somewhere between science and superstition’: Religious outrage, horrific science, and *The Exorcist* (1973). **History of the Human Sciences**, v. 34, n.5, 32–52, 10 mai. 2021. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/09526951211004465#fn1-09526951211004465>>. Acesso em: 23 out. 2022.
- CHIAVENATTO, Júlio José. **O golpe de 64 e a ditadura militar**. São Paulo: Moderna, 1994.
- FABER, Marcos E. E.; GOULART, Josiel E.; SANTOS, Giovana I. dos. Teologia da libertação: resistência intelectual nos anos de chumbo. **História Livre**, c2014. Disponível em: <<http://www.historialivre.com/brasil/teoliberta1.htm>>. Acesso em: 10 out. 2022.
- FIFTEEN audio drama podcasts to get you hooked on fiction. **Discoverpods**, 14 abr. 2022. Disponível em: <<https://discoverpods.com/audio-drama-podcasts-fiction>>. Acesso em: 23 out. 2022.
- FONTANA, Iuri. 7 audiosséries que você precisa conhecer. **Zinecultural**, 09 mai. 2022. Disponível em: <<https://www.zinecultural.com/blog/audio-series>>. Acesso em: 23 out. 2022.
- GUISOLPHI, Anderson José. O Movimento do Rosário em Família, estratégia anticomunista no Brasil dos anos 60. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...] São Paulo: ANPUH-SP, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308095151_ARQUIVO_ArtigoAnderson.pdf>. Acesso em: 20 out. 2022.
- HANDY, David. The Strange Survival of Radio Drama. **BBC**, 29 set. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/historyofthebbc/100-voices/radio-reinvented/the-strange-survival-of-radio-drama>>. Acesso em: 19 out. 2022.

IGREJA. **Portal Memórias da Ditadura**, 5 dez. 2014. Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/igreja/>>. Acesso em: 10 out. 2022.

ISQUIERDO, Helena. Áudio séries: novo estilo de podcast faz sucesso no Brasil. **Arte no Sul**, 03 nov. 2021. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/artenosul/2021/11/03/audio-series-novo-estilo-de-podcast-faz-sucesso-no-brasil/>>. Acesso em: 15 out. 2022.

KERPEN, Carrie. The power of podcasting for telling a story. **Forbes**, 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/carriekerpen/2020/03/11/the-power-of-podcasting-for-telling-a-story/?sh=5b64c31a2fb4>>. Acesso em: 15 out. 2022.

LOPEZ, Debora. Podcast: popularização e diversidade de informação em um só formato. [Entrevista concedida a] Adrienne Pedrosa. **Universidade Federal de Ouro Preto**, 27 out. 2021. Disponível em: <<https://ufop.br/noticias/em-discussao/podcast-popularizacao-e-diversidade-de-informacao-em-um-so-formato>>. Acesso em: 15 out. 2022.

PAGNO, Marina. Audiosséries explodem na quarentena e revivem era das radionovelas; conheça as produções. **GaúchaZH**, 28 ago. 2020. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2020/08/audiosseries-explodem-na-quarentena-e-revivem-era-das-radionovelas-conheca-as-producoes-cked5602t0010013gd8pkqc25.html>>. Acesso em: 15 out. 2022.

POOLE, W. Scott. **Satan in America: The Devil We Know**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2009.

REAR, Jack. How the resurrection of horror movies happened. **Verdict**, 18 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.verdict.co.uk/resurrection-horror-movies/>>. Acesso em: 20 out. 2022.

ROCHESTER, Rachel. We're Alive: The Resurrection of the Audio Drama in the Anthropocene. **Philological Quarterly**, v.93, n.3, 361-381, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/29282319/We_re_Alive_The_Resurrection_of_the_Audio_Drama_in_the_Anthropocene>. Acesso em: 20 out. 2022.

ROVAROTO, Isabela. Brasil é o 3º país que mais consome podcast no mundo. **Exame**, 21 mar. 2022. Disponível em: <<https://exame.com/pop/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo/>>. Acesso em: 21 out. 2022.

SCHOBBER, Adrian. **The Omen**. Liverpool: Liverpool Scholarship Online, 2022. Disponível em: <<https://academic.oup.com/liverpool-scholarship-online/book/44376>>. Acesso em: 23 out. 2022.

SOLTANI, Farokh. Inner Ears and Distant Worlds: Podcast Dramaturgy and the Theatre of the Mind. In: BERRY, Richard; FOX, Neil; LLINARES, Dario (eds.). **Podcasting**. Cham: Palgrave Macmillan, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-3-319-90056-8_10>. Acesso em: 16 out. 2022.

THE 20 best audio dramas of all time. **Podchaser**, 14 set. 2020. Disponível em: <<https://www.podchaser.com/lists/the-20-best-audio-dramas-of-all-time-107a4a0fQ7>>. Acesso em: 24 out. 2022.

VANNUCHI, Camilo. Vala de Perus: uma biografia. **Portal Memórias da Ditadura**, 2020. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/vala-de-perus-uma-biografia/>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

ANEXO 1 - LINK DO PILOTO

[O Som do Trovão - EP.1 - Vem e Vê.mp3](#)

ANEXO 2 - FOTOS STILL DA PRODUÇÃO



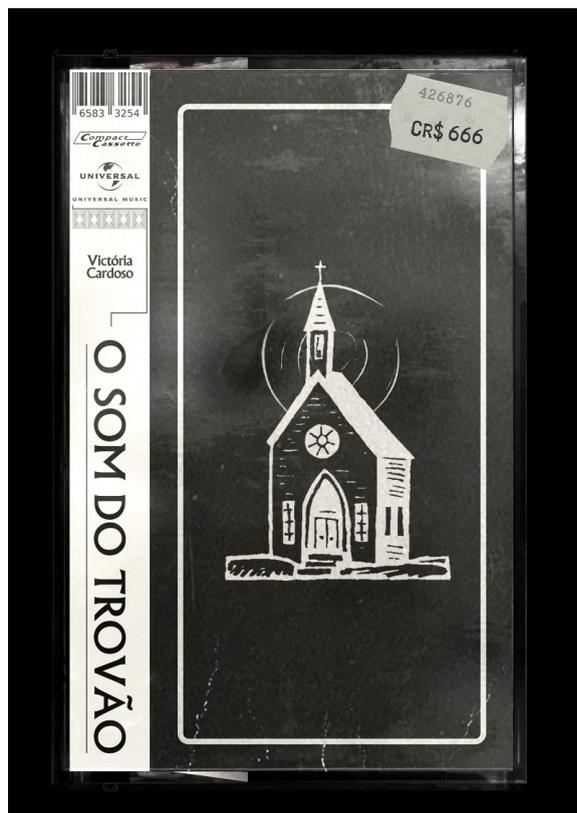
ANEXO 3 - IDENTIDADE VISUAL E ARTES DE PERSONAGENS

Figura 1: Possível arte de capa/poster



Fonte: Produção própria

Figura 2: Mockup em cassete, compõe a arte de capa



Fonte: Produção própria

Figura 3: Mockup em cassete, compõe a arte de capa



Fonte: Produção própria

Figura 4: Logo



Fonte: Produção própria

Figura 5: Arte para episódio



Fonte: Produção própria

Figura 5 e Figura 6: Estudo de personagem - Manoel Ferreira



Fonte: Produção própria

Figura 7 e Figura 8: Estudo de personagem - Francisco Ferreira



Fonte: Produção própria